

EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL

Samael Aun Weor

1970

8 E.A.

Prefácio

Capítulo 1 – A livre Iniciativa

Capítulo 2 - A Imitação

Capítulo 3 - As Autoridades

Capítulo 4 - A Disciplina

Capítulo 5 - O Que Pensar e Como Pensar

Capítulo 6 – A Busca da Segurança

Capítulo 7 - A Ambição

Capítulo 8 - O Amor

Capítulo 9 - A Mente

Capítulo 10 - Saber Escutar

Capítulo 11 - Sabedoria e Amor

Capítulo 12 - A Generosidade

Capítulo 13 - Compreensão e Memória

Capítulo 14 - Integração

Capítulo 15 - A Simplicidade

Capítulo 16 - O Assassinato

Capítulo 17 - A Paz

Capítulo 18 - A Verdade

Capítulo 19 - A Inteligência

Capítulo 20 - A Vocação

Capítulo 21 - Os Três Cérebros

Capítulo 22 - O Bem e o Mal

Capítulo 23 - A Maternidade

Capítulo 24 - A Personalidade Humana

Capítulo 25 - A Adolescência

Capítulo 26 - A Juventude

Capítulo 27 - A Maturidade

Capítulo 28 - A Velhice

Capítulo 29 - A Morte

Capítulo 30 - A Experiência do Real

Capítulo 31 - A Psicologia Revolucionária

Capítulo 32 - A Rebeldia Psicológica

Capítulo 33 - Evolução, Involução, Revolução

Capítulo 34 - O Indivíduo Íntegro

Capítulo 35 - O Homem Máquina

Capítulo 36 - Pais e Professores

Capítulo 37 - A Consciência

Capítulo 1 - A LIVRE INICIATIVA

Milhões de estudantes de todos os países do mundo inteiro vão diariamente à escola e à universidade de forma inconsciente, automática, subjetiva, sem saber porque, nem para que.

Os estudantes são obrigados a estudar matemática, física, química, geografia, etc.

A mente dos estudantes está recebendo informação diariamente, mas eles jamais na vida se detêm um momento para pensar no porque dessa informação, ou no objetivo dessa informação.

Por que nos enchemos dessa informação? Para que nos enchemos dessa informação?

Os estudantes vivem realmente uma vida mecânica, e só sabem que têm de receber informação intelectual e conservá-la armazenada na memória infiel; isso é tudo.

Aos estudantes jamais ocorre pensar sobre o que é realmente esta educação. Vão à escola, ao colégio ou à universidade porque seus pais mandaram; isso é tudo.

Não ocorre aos estudantes, nem aos professores ou professoras alguma vez perguntar a si mesmos: Por que estou aqui? Que vim fazer aqui? Qual é realmente o verdadeiro e secreto motivo que me traz aqui?

Professores, professoras, e os estudantes em geral vivem com a consciência adormecida, agem como verdadeiros autômatos; vão à escola, ao colégio e à universidade de forma inconsciente, subjetiva, sem saber realmente nada do porque ou do para que.

É necessário deixar de ser autômato, despertar a consciência, descobrir por si mesmo o que é esta luta tão terrível para passar nos exames, para estudar, para viver em determinado lugar estudando diariamente, para passar de ano, sofrendo sustos, angústias, preocupações; para praticar esportes, para brigar com os companheiros de escola, etc.

Os professores e professoras precisam se tornar mais conscientes, a fim de cooperar na escola, no colégio ou na universidade, ajudando os estudantes a despertar consciência.

É lamentável ver tantos autômatos sentados nos bancos das escolas, colégios e universidades, recebendo informações que devem conservar na memória, sem saber porque nem para que.

Os rapazes só se preocupam em passar de ano. É dito a eles que devem se preparar para ganhar a vida, para conseguir emprego, etc. E eles estudam formando mil fantasias na mente com respeito ao futuro, sem conhecer realmente o presente, e sem saber o verdadeiro motivo pelo qual devem estudar física, química, biologia, aritmética, geografia, etc.

As meninas modernas estudam para ter a preparação que lhes permita conseguir um bom marido ou para ganhar a vida, estando devidamente preparadas para o caso de o marido as abandonar ou que fiquem viúvas ou solteironas.

Puras fantasias da mente, porque elas não sabem realmente qual haverá de ser seu futuro, nem em que idade irão morrer.

A vida na escola está é muito vaga, incoerente, subjetiva... Faz-se com que a criança aprenda às vezes certas matérias que na vida prática não servem para nada.

Hoje em dia, na escola, o importante é passar de ano e isso é tudo. Em outros tempos, havia pelo menos um pouco mais de ética nestas coisas. Agora, não há mais tal ética. Os pais podem subornar sigilosamente o professor ou a professora e o rapaz ou a moça, ainda que seja um péssimo estudante, passará de ano inevitavelmente.

Há moças na escola que costumam tratar bem o professor com o propósito de passar de ano e o resultado é maravilhoso, ainda que não tenham compreendido nada do que foi ensinado. De qualquer maneira, saem-se bem nos exames e passam de ano.

Há rapazes e moças prontos para passar de ano. Simples questão de esperteza em muitos casos.

Se um aluno passa vitorioso por certo exame, (algum estúpido exame), isto não indica que tenha consciência objetiva verdadeira sobre aquela matéria na qual foi examinado.

O estudante repete como um papagaio, de forma mecânica, aquela matéria que estudou e na qual foi examinado.

Isso não é estar auto-consciente daquela matéria. Isso é memorizar e repetir como um papagaio ou uma caturrita o que aprendeu; isso é tudo.

Passar nos exames, passar de ano, não significa ser muito inteligente. Temos conhecido pessoas inteligentes na vida prática que na escola jamais se saíram bem nos exames.

Conhecemos magníficos escritores e grandes matemáticos, que na escola foram péssimos estudantes e jamais passaram bem nos exames de gramática e matemática.

Sabemos do caso de um estudante, péssimo em anatomia, e que só depois de muito sofrer conseguiu vencer os exames de anatomia. Hoje, tal estudante é autor de uma grande obra sobre anatomia.

Passar de ano não significa necessariamente ser inteligente. Há pessoas que jamais passaram bem de ano e que são muito inteligentes.

Há algo mais importante do que passar de ano, há algo mais importante do que estudar certas matérias: é preciso ter plena consciência objetiva, clara e luminosa, daquelas matérias estudadas.

Os professores e professoras devem se esforçar para ajudar os estudantes a despertar sua consciência. Todo o esforço dos professores deve ser dirigido à consciência dos estudantes. É urgente que os estudantes se façam plenamente auto-conscientes daquelas matérias que estudam.

Aprender de memória, aprender como papagaio, é simplesmente estúpido no sentido mais completo da palavra.

Os estudantes vêm-se obrigados a estudar difíceis matérias e a armazená-las na memória para passar de ano. Depois, na vida prática, tais matérias não só tornam-se inúteis como ainda são esquecidas, porque a memória é infiel.

Os rapazes estudam com o propósito de conseguir emprego e ganhar a vida. Mais tarde, se têm a sorte de conseguir tal emprego ou de se tornarem profissionais, médicos, advogados, etc., a única coisa que conseguem é repetir a mesma história de sempre: casam, sofrem, têm filhos e morrem sem terem despertado a consciência, morrem sem terem tido consciência de sua própria vida. Isso é tudo.

As moças casam-se, formam seus lares, têm filhos, brigam com os vizinhos, com o marido, com os filhos, divorciam-se, voltam a casar, enviuvam, ficam velhas, etc. Por fim, morrem depois de terem vivido adormecidas, inconscientes, repetindo como sempre o mesmo drama doloroso da existência.

Os professores e as professoras não querem se dar conta cabal de que todos os seres humanos têm a consciência adormecida. É urgente que os professores também despertem, para que possam despertar os alunos.

De nada serve encher a cabeça de teorias e mais teorias, citar Dante, Homero, Virgílio, etc., se temos a consciência adormecida, se não temos consciência objetiva, clara e perfeita de nós mesmos, das matérias que estudamos e da vida prática.

De que serve a educação, se não nos tornamos criativos, conscientes e inteligentes de verdade?

A verdadeira educação não consiste em saber ler e escrever. Qualquer mentecapto, qualquer tonto, pode aprender a ler e escrever.

Precisamos ser inteligentes, e a inteligência só desperta em nós quando a consciência desperta.

A humanidade tem 97% de subconsciência e 3% de consciência. Precisamos despertar a consciência, precisamos converter o subconsciente em consciente. Precisamos ter cem por cento de consciência.

O ser humano não só sonha quando seu corpo físico dorme, mas também sonha quando seu corpo físico não dorme, quando está em estado de vigília.

É necessário deixar de sonhar, é necessário despertar a consciência e esse processo do despertar deve começar no lar e na escola.

O esforço dos professores deve ser dirigido à consciência dos estudantes, e não unicamente à memória. Os estudantes devem aprender a pensar por si mesmos, e não apenas repetir como papagaios as teorias alheias. Os professores têm de lutar para acabar com o medo dos estudantes. Os professores devem permitir aos estudantes a liberdade de discordar e criticar de forma sadia e construtiva todas as teorias que estudam.

É absurdo obrigá-los a aceitar de forma dogmática todas as teorias que são ensinadas na escola, no colégio ou na universidade.

É preciso que os estudantes percam o medo para que aprendam a pensar por si mesmos. É urgente que os estudantes percam o medo, para que possam analisar as teorias que estudam.

O medo é uma das barreiras para a inteligência. O estudante com medo não se atreve a discordar, e aceita como artigo de fé cega tudo o que disseram os diferentes autores.

De nada serve que os professores falem de intrepidez, se eles mesmos têm medo. Os professores têm de estar livres do temor. Aqueles que temem a crítica, o que dirão, etc., não são na verdade inteligentes.

O verdadeiro objetivo da educação deve ser acabar com o medo e despertar a consciência.

De que serve passar nos exames, se continuamos medrosos e inconscientes?

Os professores têm o dever de ajudar os alunos, desde os bancos da escola, para que sejam úteis na vida, mas enquanto existir o medo ninguém poderá ser útil na vida. A pessoa cheia de temor não se atreve a discordar da opinião alheia. A pessoa cheia de temor não pode ter livre iniciativa. Evidentemente, é função de todo professor ajudar a todos e a cada um dos alunos de sua escola a estarem completamente livres do medo, a fim de que possam agir de forma espontânea, sem necessidade de que se lhes diga ou de que se lhes mande.

É urgente que os estudantes percam o medo, para que possam ter livre iniciativa, espontânea e criadora. Quando os estudantes por iniciativa própria, livre e espontânea, possam analisar e criticar as teorias que estudam, deixarão de ser meros entes mecânicos, subjetivos e estúpidos.

É urgente que exista a livre iniciativa, para que surja a inteligência criadora nos alunos e alunas. É necessário dar liberdade de expressão criadora, espontânea e sem condicionamento de espécie alguma, a todos alunos e alunas, a fim de que possam se fazer conscientes daquilo que estudam.

O livre poder criativo só pode se manifestar quando não temos medo da crítica, do que dirão, da fêrula do professor, das réguas, etc.

O medo e o dogmatismo degeneraram a mente humana. Faz-se urgente regenerá-la mediante a livre iniciativa, espontânea, livre de medo...

Precisamos nos tornar conscientes de nossa própria vida e esse processo do despertar deve começar nos próprios bancos da escola.

De pouco nos servirá a escola, se dela sairmos inconscientes e adormecidos. A abolição do medo e a livre iniciativa darão origem à ação espontânea e pura.

Por livre iniciativa, os alunos e alunas, em todas as escolas, deveriam ter direito a discutir em assembléia todas as teorias que estão estudando.

Somente assim, mediante a libertação do temor e com liberdade para discutir, analisar, meditar e criticar sadiamente o que estamos estudando, é que poderemos nos tornar conscientes dessas matérias e não meramente papagaios ou caturritas que repetem o que acumulam na memória.

Capítulo 2 - A IMITAÇÃO

Já foi totalmente demonstrado que o medo impede a livre iniciativa. A má situação econômica de milhões de pessoas deve-se fora de qualquer dúvida a isso que se chama medo.

A criança amedrontada busca sua querida mãe e apega-se a ela querendo segurança. O esposo amedrontado apega-se à esposa e sente que a ama muito mais. A esposa atemorizada procura seu marido e seus filhos e sente que os ama muito mais.

Do ponto de vista psicológico, resulta curioso e interessante saber que o temor costuma às vezes se disfarçar com a roupagem do amor.

As pessoas que internamente têm poucos valores espirituais, as pessoas internamente pobres, sempre buscam fora algo para se completarem. As pessoas pobres internamente vivem sempre intrigando, sempre às voltas com tolices: intrigas, prazeres animais, etc.

As pessoas pobres internamente vivem de temor em temor. Como é natural, apegam-se ao marido, à mulher, aos pais, aos filhos, às velhas tradições caducas e degeneradas, etc.

Todo velho, doente e pobre psicologicamente, é geralmente cheio de medo e se aferra com ânsia infinita ao dinheiro, às tradições da família, aos netos, às recordações, etc., como que buscando segurança. Isto é algo que podemos evidenciar observando cuidadosamente os anciões.

Sempre que alguém sente medo, esconde-se atrás do escudo protetor da respeitabilidade, seguindo uma tradição, seja de raça, de família, de nação, etc.

Realmente, toda tradição é uma mera repetição sem sentido algum, oca, sem valor verdadeiro...

Todas as pessoas têm uma marcada tendência a imitar o alheio. Isso de imitar é produto do medo. As pessoas com medo imitam todos aqueles a quem se apegam. Imitam o marido, a esposa, os filhos, os irmãos, os amigos que os protegem, etc.

A imitação é o resultado do medo. A imitação destrói totalmente a livre iniciativa.

Nas escolas, colégios e universidades, os professores e professoras cometem o erro de ensinar aos estudantes, homens e mulheres, isso que se chama imitação.

Nas aulas de pintura e desenho, ensina-se aos alunos a copiar imagens de árvores, montanhas, casas, animais, etc. Isso não é criar; isso é imitar, fotografar.

Criar não é imitar. Criar não é fotografar. Criar é traduzir, transmitir com o pincel e ao vivo, a árvore que nos encanta, o belo pôr de sol, o amanhecer com suas inefáveis melodias, etc.

Há verdadeira criação na arte chinesa e japonesa do zen, na arte abstrata e semi-abstrata...

Qualquer pintor chinês do chan e do zen não se interessa imitar, fotografar. Os pintores da China e do Japão gozam criando e tornando novamente a criar.

Os pintores do zen e do chan não imitam, criam, e esse é o seu trabalho.

Os pintores da China e do Japão não se interessam em pintar ou fotografar uma bela mulher, eles gozam transmitindo sua beleza abstrata. Os pintores da China e do Japão não imitariam jamais um belo ocaso, eles gozam transmitindo em beleza abstrata todo o encanto do pôr do sol.

O importante não é imitar, copiar em negro ou em branco; o importante é sentir a profunda significação da beleza e sabê-la transmitir. Mas para isso é necessário que não haja medo, apego à regras, à tradição, o temor ao que dirão ou à régua do professor.

É urgente que os professores e professoras compreendam a necessidade de que os alunos desenvolvam o poder criador.

A todas as luzes, é absurdo ensinar os estudantes a imitar. É melhor ensiná-los a criar.

Infelizmente, o ser humano é um autômato adormecido, inconsciente, que só sabe imitar.

Imitamos a roupa alheia, e dessa imitação saem as diversas correntes da moda. Imitamos os costumes alheios, mesmo quando eles são bem equivocados. Imitamos os vícios; imitamos tudo o que é absurdo, aquilo que sempre vive se repetindo no tempo, etc.

É preciso que os professores e professoras de escolas ensinem aos estudantes a pensar por si mesmos, de forma independente.

Os professores devem oferecer aos estudantes todas as possibilidades para que deixem de ser autômatos imitadores.

Os professores devem facilitar aos estudantes as melhores oportunidades para que eles desenvolvam o poder criador.

É urgente que os estudantes conheçam a verdadeira liberdade, para que sem temor algum possam aprender a pensar por si mesmos, livremente.

A mente que vive escrava do que dirão, a mente que imita por temor a violar as tradições, as regras, os costumes, etc., não é uma mente criadora. não é uma mente livre.

A mente das pessoas é como uma casa fechada e selada com sete selos. Uma casa onde nada de novo pode ocorrer.

Uma casa onde não entra o sol, e onde só reina a morte e a dor.

O novo só pode ocorrer onde não há medo, onde não existe imitação, onde não existe apego às coisas, ao dinheiro, às pessoas, às tradições e aos costumes.

As pessoas vivem escravas da intriga, da inveja, dos costumes familiares, dos hábitos, do insaciável desejo de ganhar posições, escalar, subir, chegar ao topo da escada, fazer-se sentir, etc.

É urgente que os professores e professoras ensinem aos seus estudantes, homens e mulheres, a necessidade de não imitar toda essa ordem caduca e degenerada de coisas velhas.

É urgente que os alunos aprendam na escola a criar, a pensar e a sentir livremente.

Os alunos e alunas passam o melhor de sua vida na escola, adquirindo informação, e, no entanto, não lhes sobra tempo para pensar em todas essas coisas.

Dez ou quinze anos na escola, vivendo vida de autômatos inconscientes, e saem da escola com a consciência adormecida. Mas eles saem da escola julgando-se muito despertos.

A mente do ser humano vive engarrafada em idéias conservadoras e reacionárias. O ser humano não consegue pensar com verdadeira liberdade, porque está cheio de medo.

O ser humano tem medo da vida, medo da morte, medo do que dirão, do diz que disse, da intriga, da perda do emprego, de violar os regulamentos, de que alguém lhe tire o esposo ou a esposa, etc.

Na escola somos ensinados a imitar, e saímos da escola convertidos em imitadores.

Não temos livre iniciativa, porque desde os bancos escolares nos ensinaram a imitar.

As pessoas imitam por medo do que os outros possam falar. Os alunos e alunas imitam devido a que os professores os mantêm realmente aterrorizados. Ameaçam-nos a todo instante com uma nota ruim, com determinados castigos, com expulsão, etc.

Se realmente queremos nos tornar criadores, no mais completo sentido da palavra, devemos nos fazer conscientes de toda essa série de imitações que nos mantêm presos infelizmente.

Quando já formos capazes de conhecer toda a série de imitações, quando já tivermos analisado detidamente cada uma

delas, quando nos tivermos feito conscientes delas, como conseqüência lógica nascerá em nós, de forma espontânea, o poder de criar.

É necessário que os alunos e alunas das escolas, colégios e universidades se libertem de toda imitação, a fim de que se tornem criadores de verdade.

Equivocam-se os professores e professoras que supõem que os alunos e alunas precisam imitar para aprender. Quem imita não aprende. Quem imita converte-se em um autômato. Isso é tudo!

Não se trata de imitar o que disseram os autores de geografia, física, aritmética, história, etc. Imitar, memorizar, repetir como caturrita ou papagaio é estúpido. Melhor é compreender conscientemente o que se está estudando.

A EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL é a ciência da consciência, a ciência que permite descobrir a nossa relação com os seres humanos, com a natureza e com todas as coisas.

A mente que só sabe imitar é mecânica, é uma máquina que funciona, mas não é criadora, não é capaz de criar, não pensa realmente, apenas repete. Isso é tudo.

Os professores e professoras devem se ocupar com o despertar da consciência em cada estudante.

Os alunos e alunas só se preocupam em passar de ano e depois, já fora da escola, na vida prática, convertem-se em empregadinhos de escritório ou em maquininhas de fazer filhos.

Dez ou quinze anos de estudos para sair convertido em autômato falante... As matérias estudadas vão sendo esquecidas pouco a pouco e por fim não resta nada na memória.

Se os estudantes fizessem consciência das matérias estudadas, se seu estudo não se baseasse unicamente na informação, na imitação e na memória, outro galo cantaria. Sairiam da escola com conhecimentos conscientes, inesquecíveis, completos, os quais não estariam submetidos à infiel memória.

A EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL ajudará os estudantes, despertando-lhes a consciência e a inteligência.

A EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL leva os jovens pelo caminho da verdadeira revolução.

Os alunos e alunas devem insistir para que os professores lhes ensinem a verdadeira educação, a EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL.

Não é suficiente que os alunos e alunas fiquem sentados nos bancos escolares para receber informação de algum rei ou de alguma guerra. Necessita-se algo mais, necessita-se de EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL para despertar a consciência.

É urgente que os alunos saiam da escola maduros, conscientes de verdade, inteligentes, para que não se convertam em simples peças automáticas da maquinaria social.

Capítulo 3 - AS AUTORIDADES

O governo possui autoridade, o estado possui autoridade; a polícia, a lei, o soldado, os pais de família, os professores, os guias religiosos, etc., possuem autoridade.

Existem dois tipos de autoridade: AUTORIDADE SUBCONSCIENTE e AUTORIDADE CONSCIENTE.

As autoridades inconscientes ou subscientes não servem para nada. Necessitamos com urgência de autoridades auto-conscientes.

As autoridades inconscientes ou subscientes têm enchido o mundo de lágrimas e de dor.

No lar e na escola, as autoridades inconscientes abusam de seu poder, pelo próprio fato de serem inconscientes ou subscientes.

Os pais e professores inconscientes, hoje em dia, são apenas cegos guias de cegos e, como dizem as Sagradas Escrituras, irão todos se despencar de cabeça no abismo.

Pais e professores inconscientes nos obrigam, durante a infância, a fazer coisas absurdas, mas que para eles são lógicas. Afirmam ainda que isso é para o nosso bem.

Os pais de família são autoridades inconscientes, como bem demonstra o fato de tratarem seus filhos como lixo, como se eles fossem seres superiores da espécie humana.

Os professores e professoras terminam odiando determinados alunos ou alunas e mimando ou favorecendo outros. Às vezes, castigam severamente qualquer estudante odiado, ainda que este último não seja um perverso, e recompensam com magníficas notas muitos alunos ou alunas mimados que verdadeiramente não merecem.

Pais de família e professores de escola ditam normas equivocadas para os meninos, meninas, jovens, senhoritas, etc.

As autoridades que não têm auto-consciência só conseguem fazer coisas absurdas.

Necessitamos de autoridades auto-conscientes. Entende-se por autoconsciência o conhecimento íntegro de si mesmo, o total conhecimento de todos os valores internos.

Só aquele que possui de verdade pleno conhecimento de si mesmo está desperto de forma íntegra. Isto é ser auto-consciente. Todo mundo pensa que se auto-conhece, porém é muito difícil achar na vida alguém que realmente conheça a si mesmo. As pessoas têm sobre si mesmas conceitos totalmente equivocados.

Conhecer a si mesmo requer grandes e terríveis auto-esforços. Só mediante o conhecimento de si mesmo chega-se verdadeiramente à autoconsciência.

O abuso de autoridade deve-se à inconsciência. Nenhuma autoridade auto-consciente chegaria jamais ao abuso de poder.

Alguns filósofos estão contra toda autoridade, detestam as autoridades. Semelhante forma de pensar é falsa, porque em toda a criação, desde o micróbio até o sol, há escalas e escalas, graus e graus, forças superiores que controlam e dirigem e forças inferiores que são controladas e dirigidas.

Em uma simples colmeia de abelhas há autoridade na rainha. Em qualquer formigueiro há leis e autoridade. A destruição do princípio de autoridade conduziria à anarquia.

As autoridades desta época crítica em que vivemos são inconscientes e é claro que devido a esse fato psicológico escravizam, prendem; abusam, causam dor, etc.

Precisamos de professores, instrutores ou guias espirituais, autoridades governamentais, pais de família, etc., plenamente auto-conscientes. Só assim conseguiremos fazer de verdade um mundo melhor.

É estúpido dizer que não se precisa de Mestres e de guias espirituais. É absurdo desconhecer o princípio de autoridade em toda a criação.

Aqueles que se julgam auto-suficientes são tipos orgulhosos que opinam que os Mestres e guias espirituais não são necessários.

Devemos reconhecer nossa própria nulidade e miséria. Devemos compreender que precisamos de autoridades: Mestres, instrutores espirituais, etc., mas auto-conscientes, a fim de que sejamos dirigidos, ajudados e guiados sabiamente.

A autoridade inconsciente dos professores destrói o poder criador dos alunos e alunas. Se o aluno pinta, o professor inconsciente lhe diz o que deve pintar: a árvore ou a paisagem que deve copiar. O aluno aterrorizado não se atreve a sair das normas mecânicas do professor. Isso não é criar.

É preciso que o estudante torne-se criador e que seja capaz de sair das normas inconscientes do professor inconsciente, a fim de que possa transmitir tudo aquilo que sente em relação à árvore, todo o encanto da vida que circula pelas folhas trêmulas da árvore, todo o seu profundo significado.

Um professor consciente não se oporia à criatividade libertadora do espírito.

Os professores com autoridade consciente, jamais mutilariam a mente dos alunos e alunas.

Os professores inconscientes destroem com sua autoridade a mente e a inteligência dos alunos e alunas. Os professores com autoridade inconsciente só sabem castigar e ditar normas estúpidas, para que os alunos se comportem bem.

Os professores auto-conscientes ensinam com suma paciência a seus alunos e alunas, ajudando-os a compreender suas dificuldades individuais, a fim de que, as compreendendo, possam transcender todos seus erros e avançar com sucesso.

A autoridade consciente ou auto-consciente jamais poderia destruir a inteligência.

A autoridade inconsciente destrói a inteligência, causando graves danos aos alunos e alunas. A inteligência só vem a nós quando gozamos de verdadeira liberdade, e os professores auto-conscientes com autoridade sabem de verdade respeitar a liberdade criadora.

Os professores inconscientes crêem que sabem tudo e atropelam a liberdade dos estudantes, castrando-lhes a inteligência com suas normas sem vida,

Os professores auto-conscientes sabem que não sabem, e até se dão ao luxo de aprender observando as capacidades criadoras de seus discípulos.

É preciso que os estudantes das escolas, colégios e universidades, passem da simples condição de autômatos disciplinados à brilhante posição de seres inteligentes e livres para que possam fazer frente, com todo êxito, a todas as dificuldades da existência.

Isto requer professores auto-conscientes, competentes, que realmente se interessem por seus discípulos. Professores que sejam bem pagos, para que não tenham angústias monetárias de espécie alguma.

Infelizmente, todo professor, todo pai de família, todo aluno, crê-se auto-consciente, desperto; este é o seu maior erro.

É muito raro achar uma pessoa auto-consciente e desperta na vida. As pessoas sonham quando o corpo dorme e sonham quando o corpo está em estado de vigília.

As pessoas dirigem o carro sonhando, trabalham sonhando, andam pelas ruas sonhando; vivem sonhando a toda hora.

É muito natural que um professor se esqueça do guarda-chuva, que deixe no carro um livro ou sua carteira. Tudo isso acontece porque o professor tem a consciência adormecida, sonha...

É muito difícil que as pessoas aceitem que estejam adormecidas. Todo mundo julga-se desperto. Se alguém aceitasse que tem sua consciência adormecida, é claro que a partir desse momento começaria a despertar.

O aluno ou aluna esquece em casa o livro ou caderno que teria de levar à escola. Um esquecimento desses parece normal, e é, mas indica, mostra, o estado de sonho em que se acha a consciência humana.

Os passageiros de qualquer serviço de transporte urbano costumam às vezes passar da rua. Estavam adormecidos e quando se acordam percebem que passaram da rua e agora têm que voltar a pé umas quantas quadras.

Rara vez na vida o ser humano está desperto realmente. Quando esteve, ao menos por um momento, como nos casos de infinito terror, pôde perceber a si mesmo de forma íntegra. Aqueles momentos foram inesquecíveis.

O homem que volta para casa depois de ter percorrido toda a cidade, dificilmente se lembrará de forma minuciosa de todos pensamentos, incidentes, pessoas, coisas, idéias, etc. Ao tratar de se lembrar, encontrará em sua memória grandes vazios que correspondem precisamente aos estados de sono mais profundos.

Alguns estudantes de psicologia se propõem a viver alertas de momento a momento, porém logo dormem. Talvez ao encontrar algum amigo na rua, ao entrar em alguma loja para fazer compras, etc. Horas mais tarde lembram-se de sua decisão de viver alertas e despertos de momento a momento, é quando se dão conta que haviam dormido quando entraram em tal ou qual lugar ou quando se encontraram com tal ou qual pessoa.

Ser auto-consciente é algo muito difícil, mas pode se chegar a este estado aprendendo a viver alerta e vigilante de momento a momento.

Se queremos chegar à autoconsciência, teremos de conhecer a nós mesmos de forma integral.

Todos nós temos o eu, o mim mesmo, o Ego, que precisamos explorar para conhecer a nós mesmos e para nos tornarmos auto-conscientes.

É urgente observar, analisar e compreender cada um dos nossos defeitos. É necessário estudar a nós mesmos no terreno da mente, das emoções, dos hábitos, do instinto e do sexo.

A mente tem muitos níveis, regiões ou departamentos subconscientes que devemos conhecer a fundo através da observação, da análise, da meditação e profunda compreensão íntima.

Qualquer defeito pode desaparecer da região intelectual e continuar existindo em outros níveis inconscientes da mente.

A primeira coisa que precisamos é despertar, para compreender nossa própria miséria, nulidade e dor. Depois, o eu começa a morrer de momento a momento. A morte do Eu Psicológico é urgente.

Só com a morte do eu nasce o Ser verdadeiramente consciente em nós. Apenas o Ser pode exercer verdadeira autoridade consciente. Despertar, morrer e nascer são as três fases psicológicas que nos levam à verdadeira existência consciente.

Há que despertar para morrer e há que morrer para nascer. Quem morre sem ter despertado, converte-se em um santo estúpido. Quem nasce sem ter morrido, converte-se em um indivíduo de dupla personalidade: a muito justa e a muito perversa.

O exercício da verdadeira autoridade só pode ser exercido por aqueles que possuem o Ser consciente.

Aqueles que ainda não possuem o Ser consciente, aqueles que ainda não são auto-conscientes, costumam abusar de sua autoridade e causar muito dano.

Os professores devem aprender a mandar e os alunos devem aprender a obedecer.

Aqueles psicólogos que se pronunciam contra a obediência, estão de fato muito equivocados, porque ninguém pode mandar conscientemente sem antes ter aprendido a obedecer.

Há que saber mandar conscientemente e há que saber obedecer conscientemente.

Capítulo 4 - A DISCIPLINA

Os professores de escolas, colégios e universidades dão muita importância à disciplina e nós devemos estudá-la neste capítulo detidamente.

Todos nós que passamos por escolas, colégios e universidades sabemos bem o que é a disciplina: regras, palmatórias, repreensões, etc.

Disciplina é isso que se chama cultivo da resistência. Os professores de escola ficam encantados em cultivar a resistência.

Ensinam-nos a resistir, a erguer algo contra alguma coisa. Ensinam-nos a resistir às tentações da carne, a nos açoitarmos e a fazermos penitência para resistir. Ensinam-nos a resistir às tentações

que traz a preguiça: tentações para não estudar, para não ir à escola, e a brincar, rir, zombar dos professores, violar os regulamentos, etc.

Os professores e professoras têm o conceito equivocado de que mediante a disciplina poderemos compreender a necessidade de respeitar a ordem da escola, a necessidade de estudar, de guardar compostura diante deles, de nos comportarmos bem com os demais alunos, etc.

Existe entre as pessoas o conceito equivocado de que quanto mais resistirmos, quanto mais repelirmos, mais nos tornaremos compreensivos, livres, plenos e vitoriosos. Não querem se dar conta de que quanto mais lutarmos contra alguma coisa, quanto mais a repelirmos, quanto mais resistirmos a ela, menor será a compreensão.

Se lutamos contra o vício da bebida, este desaparecerá por um tempo, mas como não o compreendemos a fundo, em todos os níveis da mente, ele retornará mais tarde, quando nos descuidemos da guarda, e beberemos de uma vez por todo o ano.

Se repelimos o vício da fornicção, por um tempo seremos aparentemente bem castos, porém em outros níveis da mente continuamos sendo espantosos sátiros, como bem podem demonstrar os sonhos eróticos e as poluções noturnas.

Depois, voltamos com mais força às nossas antigas andanças de fornicários irredentos, devido ao fato concreto de não termos compreendido a fundo o que é a fornicção.

Muitos são os que rechaçam a cobiça, os que lutam contra ela, os que se disciplinam contra ela seguindo determinadas normas de conduta. Mas, como não compreenderam de verdade todo o processo da cobiça, terminam no fundo cobiçando não ser cobiçosos.

Muitos são os que se disciplinam contra a ira, os que aprendem a resisti-la, mas ela continua existindo em outros níveis da mente subconsciente, mesmo quando aparentemente tenha desaparecido de nosso caráter. Ao menor descuido, o subconsciente nos atraiçoa e tropejamos e relampejamos cheios de ira. E quando menos esperamos e talvez por algum motivo sem a menor importância.

São muitos os que se disciplinam contra o ciúme e por fim crêem firmemente que o extinguiram. Mas, como não o compreenderam, é claro que aparece novamente em cena, e justamente quando já o julgávamos bem mortos.

Só com plena ausência de disciplinas, só em liberdade autêntica, surge na mente a ardente labareda da compreensão.

A liberdade criadora não pode existir jamais dentro de uma armadura. Precisamos de liberdade para compreender nossos defeitos psicológicos de forma integral. Precisamos com urgência derrubar muros e romper grilhões de aço para sermos livres.

Temos que experimentar por nós mesmos tudo aquilo que os professores na escola e os pais em casa disseram que é bom e útil. Não basta aprender de memória e imitar. Necessitamos compreender.

Todo o esforço dos professores e professoras deve ser dirigido à consciência dos alunos. Devem se esforçar para que eles entrem no caminho da compreensão.

Não é suficiente dizer aos alunos que devem ser isto ou aquilo. É preciso que os alunos aprendam a ser livres para que possam por si mesmos examinar, estudar e analisar todos os valores, todas as coisas que lhes disseram ser boas, úteis, nobres; não basta meramente aceitá-las e imitá-las.

As pessoas não querem descobrir por si mesmas, têm a mente fechadas estúpida; mente que não quer indagar; mentes mecânica que jamais indagam e que só imitam.

É necessário, urgente e indispensável que os alunos e alunas, desde a mais tenra idade até o momento de abandonar as aulas, gozem de verdadeira liberdade para descobrir por si próprios,

para inquirir, para compreender, a fim de não ficarem limitados pelos abjetos muros das proibições, censuras e disciplinas.

Se aos alunos se diz o que devem e o que não devem fazer e não se lhes permite compreender e experimentar, onde então está a sua inteligência? Qual foi a oportunidade que se deu à inteligência?

Para que serve passar em exames, se vestir bem, ter muitos amigos, etc., se não somos inteligentes?

A inteligência só virá a nós quando formos verdadeiramente livres para investigar por nós mesmos, para compreender, para analisar independentemente sem temor à censura e sem o castigo das disciplinas.

Os estudantes medrosos, assustados, submetidos a terríveis disciplinas, jamais poderão saber. Jamais poderão ser inteligentes.

Hoje em dia, a única coisa que interessa aos pais de família e aos professores é que os alunos façam uma carreira, que se tornem médicos, advogados, engenheiros, contadores, etc., isto é, autômatos viventes. Que depois se casem e se convertam em máquinas de fazer bebês. Isso é tudo!

Quando um rapaz ou uma moça quer fazer alguma coisa nova, diferente, quando sente a necessidade de sair dessa armadura de preconceitos, hábitos antiquados, regras, tradições familiares, nacionais, etc., os pais de família apertam mais os grilhões da prisão e dizem ao rapaz ou à moça: "não faça isso, não estamos dispostos a te apoiar nisso! Essas coisas são loucuras, etc., etc.

Total: o rapaz ou a garota ficam formalmente presos no cárcere das disciplinas, tradições, costumes antiquados, idéias decrépitas, etc.

A EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL ensina a conciliar a ordem com a liberdade.

A ordem sem liberdade é tirania. A liberdade sem ordem é anarquia. Liberdade e ordem sabiamente combinadas constituem a base da EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL.

Os alunos devem gozar de perfeita liberdade para averiguar por si mesmos, para inquirir, para descobrir o que há realmente de certo nas coisas e aquilo que podem fazer na vida.

Os alunos e alunas, os soldados e os policiais e em geral todas as pessoas que têm de viver submetidas a rigorosas disciplinas, costumam se tornar cruéis, insensíveis à dor humana, impiedosas...

A disciplina destrói a sensibilidade humana e isto já está totalmente demonstrado pela observação e pela experiência.

Devido a tantas disciplinas e regulamentos, as pessoas desta época perderam totalmente a sensibilidade e se tornaram cruéis e impiedosas.

Para sermos verdadeiramente livres temos de ser muito sensíveis e humanitários.

Nas escolas, colégios e universidades, se ensina aos estudantes que devem prestar atenção durante a aula, e os alunos e as alunas prestam atenção para evitar a censura, o puxão de orelhas, a batida com a régua, etc. Porém, infelizmente, não se lhes ensina a compreender realmente o que é a atenção consciente.

Por disciplina, o estudante presta atenção e gasta energia criadora muitas vezes de forma inútil.

A energia criadora é o tipo mais sutil de força fabricado pela máquina orgânica.

Nós comemos e bebemos e todos os processos da digestão são no fundo processos de sutilização, em que as matérias grosseiras se convertem em matérias e forças úteis. A energia criadora é o tipo de matéria e de força mais sutil elaborado pelo organismo.

Se soubermos prestar atenção conscientemente, poderemos economizar energia criadora. Infelizmente, os professores e professoras não ensinam aos seus discípulos o que é a atenção consciente.

Para onde quer que dirijamos a atenção, gastamos energia criadora. Poderemos economizar essa energia se dividirmos a atenção, se não nos identificarmos com as coisas, com as pessoas ou com as idéias.

Quando nos identificamos com as pessoas, as coisas ou com as idéias, nos esquecemos de nós mesmos e perdemos energia criadora da forma mais lastimável.

É urgente saber que precisamos economizar a energia criadora para despertar a consciência, e que a energia criadora é o potencial vivo, o veículo da consciência, o instrumento para despertar a consciência.

Quando aprendemos a não nos esquecermos de nós mesmos, quando aprendemos a dividir a atenção em sujeito, objeto e lugar, economizamos energia criadora para despertar a consciência.

É preciso aprender a dirigir a atenção para despertar a consciência, mas os alunos e as alunas nada sabem sobre isto porque seus professores e professoras não lhes ensinaram.

Quando aprendemos a usar a atenção conscientemente, a disciplina fica sobrando.

O estudante ou a estudante atento em sua classe, à sua lição, em ordem, não precisa de qualquer espécie de disciplina.

É urgente que os professores compreendam a necessidade de conciliar inteligentemente a ordem e a liberdade, e isto só é possível com a atenção consciente.

A atenção consciente exclui isso que se chama identificação. Quando nos identificamos com as pessoas, com as coisas ou com as idéias, vem a fascinação e esta produz o sonho da consciência.

Há que saber prestar atenção sem se identificar. Quando prestamos atenção em algo ou alguém e nos esquecemos de nós mesmos, o resultado é a fascinação e o sonho da consciência.

Observem cuidadosamente alguém que está vendo um filme no cinema. Encontra-se adormecido. Ignora a tudo e a si mesmo, está oco, parece um sonâmbulo. Sonha com o que vê no filme, com o herói da aventura.

Os alunos e alunas devem prestar atenção nas aulas sem se esquecerem de si mesmos, para não caírem no espantoso sonho da consciência.

O aluno deve ver a si mesmo em cena quando estiver prestando exame ou quando estiver no quadro negro por ordem do professor, quando estiver estudando, descansando ou brincando com seus colegas.

A atenção dividida em três partes: sujeito, objeto e lugar, é de fato atenção consciente.

Quando não cometemos o erro de nos identificar com as pessoas, com as coisas ou com as idéias, economizamos energia criadora e nos precipitamos no despertar da consciência.

Quem quiser despertar a consciência nos mundos superiores, deve começar por despertar aqui e agora.

Quando o estudante comete o erro de se identificar com as pessoas, as coisas ou as idéias, quando comete o erro de se esquecer de si mesmo, cai na fascinação e no sonho.

A disciplina não ensina os estudantes a prestar atenção conscientemente. A disciplina é uma verdadeira prisão para a mente.

Os alunos e alunas devem aprender a dirigir a atenção consciente desde os bancos da escola, para que mais tarde, na vida prática, fora da escola, não cometam o erro de se esquecerem de si mesmos.

O homem que se esquece de si mesmo diante de um insultador, identifica-se com ele, fascina-se e cai no sono da inconsciência. Então, fere ou mata e vai para a prisão inevitavelmente.

Aquele que não se deixa fascinar com o insulto, aquele que não se identifica com ele, aquele que não se esquece de si mesmo, aquele que sabe usar sua atenção conscientemente, seria incapaz de dar valor às palavras do insultador, de feri-lo ou de matá-lo.

Todos os erros que o ser humano comete na vida são devidos a que se esquece de si mesmo, se identifica, fascina-se e cai no sonho.

Melhor seria que para a juventude, para todos os estudantes, se os ensinássemos o despertar da consciência, ao invés de escravizá-los com tantas disciplinas absurdas.

Capítulo 5 - O QUE PENSAR E COMO PENSAR

No lar e na escola, os pais de família e os professores sempre nos dizem o que devemos pensar, mas jamais na vida nos ensinam COMO PENSAR.

Saber o que pensar é relativamente fácil. Nossos pais, professores, tutores, autores de livros, etc., são, cada um, ditadores ao seu modo. Cada um deles quer que pensemos em seus ditos, exigências, teorias, preconceitos, etc.

Os ditadores da mente abundam como a erva daninha. Existe por todas as partes uma tendência perversa para escravizar a mente alheia, para engarrá-la, para obrigá-la a viver dentro de determinadas normas, preconceitos, escolas, etc.

Os milhares e milhões de ditadores da mente jamais quiseram respeitar a liberdade mental de ninguém. Se alguém não pensa como eles pensam, é classificado de perverso, renegado, ignorante, etc. Todo mundo quer escravizar todo mundo. Todo mundo quer atropelar a liberdade intelectual dos demais. Ninguém quer respeitar a liberdade do pensamento alheio. Cada um se julga judicioso, sábio, maravilhoso, etc., e quer, como é natural, que os outros sejam como ele, que o convertam em modelo e que pensem como ele.

Abusou-se demasiado da mente. Observem os comerciantes e sua propaganda através do jornal, do rádio ou da televisão. A propaganda comercial é feita de forma ditatorial. Compre o sabão tal! Os sapatos tal! Tantos reais! Tantos dólares! Compre agora mesmo! Imediatamente! Não deixe para amanhã! Tem de ser imediatamente! etc. Só falta dizer que se não obedecermos, nos metem na cadeia ou nos assassinam.

O pai quer meter suas idéias à força no filho, e o professor na escola censura, castiga e dá notas baixas se o rapaz ou a moça não aceita suas idéias expostas ditatorialmente.

Metade da humanidade quer escravizar a mente da outra metade. Essa tendência a escravizar a mente dos demais salta aos olhos quando estudamos as negras páginas da negra história.

Por todas as partes existiram e existem sangrentas ditaduras empenhadas em escravizar os povos. Sangrentas ditaduras que ditam o que a gente deve pensar. Infeliz daquele que tente pensar livremente, inevitavelmente irá para os campos de concentração da Sibéria, para a prisão, para os trabalhos forçados, para a forca, o fuzilamento, o exílio, etc.

Tanto os professores e professoras, os pais de família e os livros, não querem ensinar COMO PENSAR.

As pessoas adoram obrigar os outros a pensar de acordo com o que crêem e é claro que nisto cada um é um ditador a seu modo. Cada um se julga a última palavra, cada um crê firmemente que todos os outros devem pensar como ele, porque ele é o melhor do melhor.

Pais de família, professores, patrões, etc., censuram e voltam a censurar seus subordinados.

É espantosa essa horrível tendência da humanidade a faltar com o respeito aos outros, a atropelar a mente alheia, a enjaular, prender, escravizar, acorrentar, o pensamento alheio.

O marido quer meter à força suas idéias, sua doutrina, na cabeça da mulher e esta quer fazer a mesma coisa com ele.

Muitas vezes, marido e mulher se divorciam por incompatibilidade de idéias.

Os cônjuges não querem compreender a necessidade de se respeitar a liberdade intelectual alheia. Nenhum cônjuge tem o direito de escravizar a mente do outro. Cada um é de fato digno de respeito. Cada um tem o direito de pensar como quiser, de professar sua religião e de pertencer ao partido político que quiser.

Aos meninos e meninas na escola se obriga a pensar em tais ou quais idéias, porém não se lhes ensina a dirigir a mente.

A mente das crianças é delicada, elástica e dúctil, enquanto que a dos velhos já está endurecida, rijá como argila em um molde; já não muda e não pode mudar.

A mente dos meninos e jovens é suscetível de muitas mudanças; pode mudar.

Aos meninos e jovens pode-se ensinar COMO PENSAR. Aos velhos é muito difícil ensinar isto, porque eles já são como são e assim morrem. É muito raro encontrar na vida algum velho interessado em mudar radicalmente.

A mente das pessoas é moldada desde a infância. Isto é o que os pais de família e os professores de escola preferem fazer. Eles gozam dando forma à mente das crianças e jovens.

Mente metida em um molde é de fato mente condicionada, mente escrava.

É preciso que os professores e professoras rompam os grilhões da mente.

É urgente que os professores saibam dirigir a mente das crianças para a verdadeira liberdade, para que não se deixem escravizar mais.

É indispensável que os professores ensinem aos alunos e alunas COMO SE DEVE PENSAR.

Os professores devem compreender a necessidade de ensinar aos alunos e alunas o caminho da análise, da meditação e da compreensão.

Nenhuma pessoa compreensiva deve aceitar jamais de forma dogmática nada. Primeiro é preciso investigar, inquirir e compreender antes de aceitar.

Em outras palavras, diremos que não há necessidade de aceitar, e sim de investigar, analisar, meditar e compreender.

Quando a compreensão é plena, a aceitação é desnecessária.

De nada serve enchermos a cabeça de informação intelectual, se ao sairmos da escola não sabemos pensar e continuamos como autômatos viventes, como máquinas, repetindo a mesma rotina de nossos pais, avós, bisavós, etc.

Repetir sempre a mesma coisa, viver vida de máquina, da casa para o escritório e do escritório para casa, casar para se converter em maquininha de fazer filhos, isso não é viver. Se para isso estudamos, se para isso fomos à escola, ao colégio e à universidade durante dez ou quinze anos, melhor teria sido não estudar.

Mahatma Ghandi foi um homem bem singular. Muitas vezes os pastores protestantes sentaram-se à sua porta por horas inteiras lutando para convertê-lo ao cristianismo protestante. Ghandi não aceitava o ensinamento dos pastores, mas tampouco o rejeitava. Compreendia-o, respeitava-o e isso era tudo.

Muitas vezes o Mahatma dizia: "Eu sou brâmane, judeu, cristão, maometano..." O Mahatma compreendia que todas as religiões são necessárias, porque todas elas conservam os mesmos valores eternos.

Isso de rejeitar ou aceitar alguma doutrina ou conceito revela falta de maturidade mental. Quando rejeitamos ou aceitamos alguma coisa, é porque não a compreendemos. Onde há compreensão, a aceitação ou a rejeição ficam sobrando. A mente que crê, a mente que não crê ou a mente que duvida é mente ignorante. O caminho da sabedoria não consiste em crer, não crer ou duvidar. O caminho da sabedoria consiste em inquirir, analisar, meditar e experimentar. A verdade é o desconhecido de momento a momento. A verdade nada tem que ver com o que alguém acredita ou o que deixe de acreditar, nem tampouco com o ceticismo. A verdade não é questão de aceitar ou de rejeitar. A verdade é questão de experimentar, viver, compreender. Todo o esforço dos professores deve ser para levar, em última síntese, aos alunos e alunas à experiência do real, do verdadeiro. É urgente que os professores e professoras abandonem essa tendência antiquada e perniciosa de modelar a mente plástica e dúctil das crianças. É absurdo que pessoas adultas, cheias de preconceitos, paixões, idéias preconcebidas e antiquadas, atropelam a mente das crianças e dos jovens, procurando modelar suas mentes de acordo com suas idéias rançosas, estúpidas e antiquadas. Melhor é respeitar a liberdade intelectual dos alunos e alunas, respeitar sua prontidão mental e sua espontaneidade criadora. Os professores e professoras não têm o direito de enjaular a mente dos alunos e alunas. O fundamental não é ditar à mente dos alunos o que deve pensar, e sim ensinar-lhes COMO PENSAR de forma completa. A mente é o instrumento do conhecimento, e é necessário que os professores e professoras ensinem aos alunos e alunas a dirigir sabiamente esse instrumento.

Capítulo 6 - A BUSCA DA SEGURANÇA

Quando os pintinhos sentem medo, escondem-se debaixo das asas amorosas da galinha em busca de segurança. A criança assustada corre em busca de sua mãe, porque junto a ela se sente segura. Fica portanto demonstrado que o medo e a busca de segurança estão sempre intimamente associados. O homem que teme ser assaltado por bandidos busca segurança em seu revólver. O país que teme ser atacado por outro comprará canhões, aviões, navios de guerra, armará exércitos e se porá em pé de guerra. MUITA GENTE QUE NÃO SABE TRABALHAR, ATERRORIZADA DIANTE DA MISÉRIA, BUSCA SEGURANÇA NO DELITO E SE TORNA LADRÃO, ASSALTANTE, ETC. MUITAS MULHERES, FALTAS DE INTELIGÊNCIA, ASSUSTADAS DIANTE DA POSSIBILIDADE DA MISÉRIA, CONVERTEM-SE EM PROSTITUTAS. O homem ciumento teme perder sua mulher e busca segurança na arma; mata e depois, é claro, vai parar na cadeia. A mulher ciumenta mata sua rival ou seu marido e assim se converte em assassina. Ela teme perder o marido e, querendo segurá-lo, mata a outra ou resolve matar o marido.

O proprietário temeroso de que o inquilino não pague o aluguel da casa exige contratos, fiadores, depósitos, etc., querendo assim se assegurar; e se uma viúva pobre e cheia de filhos não pode preencher tão tremendos requisitos, e se todos os proprietários de casas de uma cidade pedem a mesma coisa, a infeliz terá de ir dormir com seus filhos na rua ou em algum parque.

Todas as guerras tiveram sua origem no medo.

As gestapos, as torturas, os campos de concentração, as Sibérias, as espantosas prisões, os exílios, trabalhos forçados, fuzilamentos, etc., têm sua origem no medo.

As nações atacam outras nações por medo, buscam segurança na violência. Crêem que matando, invadindo, etc., poderão fazer-se seguras, fortes e poderosas.

Nos escritórios das polícias secretas, de contra-espionagem, etc., tanto no leste como no oeste, se tortura os espiões, se os teme, querem fazê-los confessar com o propósito de tornar o estado mais seguro.

Todos os delitos, todas as guerras, todos os crimes, têm sua origem no medo e na busca de segurança.

Em outros tempos, havia sinceridade entre as pessoas. Hoje, o medo e a busca de segurança acabaram com a maravilhosa fragrância da sinceridade.

O amigo desconfia do amigo, pois teme que este o roube, o engane, o explore, etc. Até existem máximas estúpidas e perversas como esta: nunca dê as costas ao teu melhor amigo. Os hitlerianos diziam que esta máxima era de ouro.

Ora, se o amigo teme o amigo e até usa máximas para se proteger, já não há sinceridade entre os amigos. O medo e a busca de segurança acabaram com a deliciosa fragrância da sinceridade.

Fidel Castro em Cuba fuzilou milhares de cidadãos, temeroso de que acabassem com ele. Castro busca segurança fuzilando. Crê que assim se manterá seguro.

Stalin, o perverso e sanguinário Stalin, empestou a Rússia com seus sangrentos expurgos. Esta era a sua maneira de procurar segurança.

Hitler organizou a Gestapo, a terrível Gestapo, para segurança do estado. Não resta dúvida de que temia que o derrubassem e por isso fundou-a.

Todas as amarguras deste mundo têm origem no medo e na busca de segurança.

Os professores e professoras de escola devem ensinar aos alunos e alunas a virtude da coragem.

É lamentável encher os meninos e meninas de temor, começando no próprio lar.

Os meninos e meninas são ameaçados, intimidados, atemorizados, levam pauladas, etc.

Os pais de família e os professores costumam atemorizar as crianças e os jovens com o propósito de fazê-los estudar.

Geralmente se diz às crianças e aos jovens que se não estudarem terão de pedir esmola, de vagar famintos pelas ruas, de exercer trabalhos muito humildes como engraxar sapatos, carregar fardos, vender jornais, trabalhar no arado, etc. como se trabalhar fosse um delito.

No fundo, atrás de todas estas palavras dos pais e dos professores, está o medo pelo filho e a busca de segurança para o filho.

O grave de tudo isto que estamos dizendo é que a criança e o jovem ficam complexados, enchem-se de temor e mais tarde na vida prática serão sujeitos cheios de medo.

Os pais de família e professores que têm o mau gosto de assustar os meninos e meninas, os jovens e as senhoritas, de forma inconsciente os estão encaminhando para o caminho do delito, pois, como já dissemos, todo delito tem sua origem no medo e na busca de segurança.

Hoje em dia, o medo e a busca de segurança converteram o planeta Terra num espantoso inferno. Todo mundo teme. Todo mundo quer segurança.

Em outros tempos, podia-se viajar livremente. Agora, as fronteiras estão cheias de guardas armados, que exigem passaportes e atestados de todo tipo para se ter o direito de passar de um país a outro.

Tudo isso é o resultado do medo e da busca de segurança. Teme-se o que viaja, teme-se quem chega e busca-se segurança em passaportes e papéis de todo tipo.

Os professores de escolas, colégios e universidades devem compreender o horror de tudo isso e cooperar para o bem do mundo, sabendo como educar as novas gerações: ensinando-lhes o caminho da coragem autêntica.

É urgente ensinar às novas gerações a não temer e a não buscar segurança em nada nem ninguém.

É indispensável que todo indivíduo aprenda a confiar mais em si mesmo.

O medo e a busca de segurança são terríveis fraquezas que converteram a vida num espantoso inferno.

Por todas as partes abundam os covardes, os medrosos, os fracos, que andam sempre em busca de segurança.

Teme-se a vida, teme-se a morte, teme-se o que dirão, o diz que disse, teme-se perder a posição social, a posição política, o prestígio, o dinheiro, a bela casa, a bonita mulher, o bom marido, o emprego, o negócio, a loja, os móveis, o carro, etc. Teme-se a tudo e por todas as partes abundam os covardes, os fracos, os medrosos, etc. Mas ninguém se julga covarde; todos se presumem fortes, valentes, etc.

Em todas as categorias sociais há milhares e milhões de interesses que se teme perder e por isso todo mundo busca seguranças que, por força de se fazerem cada vez mais e mais complexas, tornam de fato a vida cada vez mais complicada, cada vez mais difícil, cada vez mais amarga, cruel e impiedosa.

Todas as fofocas, todas as calúnias, as intrigas, etc., têm sua origem no medo e na busca de segurança.

Para não perder a fortuna, a posição, o prestígio, o poder, etc., propagam-se as calúnias e as intrigas. Assassina-se e paga-se para que se assassine em segredo.

Os poderosos da terra até dão-se ao luxo de terem assassinos contratados e muito bem pagos, com o asqueroso propósito de eliminar todo aquele que ameace os eclipsar.

Eles amam o poder pelo próprio poder e o asseguram à base de dinheiro e muito sangue.

Os jornais constantemente estão dando notícias de inúmeros casos de suicídio.

Muitos julgam que quem se suicida é um valente, mas, na realidade, quem se suicida é um covarde que tem medo da vida e que busca segurança nos descarnados braços da morte.

Alguns heróis de guerra foram conhecidos como pessoas fracas e covardes, mas seu terror foi tão espantoso quando se viram cara a cara com a morte que se tornaram terríveis feras buscando segurança para sua vida, fazendo um esforço supremo contra a morte. Então, foram declarados heróis.

Costuma-se confundir o medo com a coragem. Quem se suicida parece muito valente e quem carrega uma arma também parece ser muito valente, mas, na realidade, os suicidas e os pistoleiros são bastante covardes.

Quem não tem medo da vida não se suicida.

Quem não tem medo de ninguém não carrega uma pistola na cintura.

É urgente que os professores e professoras ensinem aos cidadãos de forma clara e precisa o que é a coragem de verdade e o que é o medo.

O medo e a busca de segurança converteram o mundo em um espantoso inferno.

Capítulo 7 - A AMBIÇÃO

A ambição tem várias causas e uma delas é isso que se chama medo.

O humilde rapaz que nos parques das luxuosas cidades engraxa os sapatos dos orgulhosos cavalheiros poderia se converter em ladrão, se chegasse a ter medo da pobreza, medo de si mesmo ou medo do seu futuro.

A humilde balconista que trabalha na faustosa loja do potentado poderia se converter em ladra ou em prostituta da noite para o dia se chegasse a sentir medo do futuro, medo da vida, medo da velhice, medo de si mesma, etc.

O elegante garçom do restaurante de luxo ou do grande hotel poderia se converter num gangster, num assaltante de bancos ou num fino ladrão se, por desgraça, chegasse a sentir medo de si mesmo, de sua humilde posição de garçom, de seu próprio futuro, etc.

O insignificante inseto ambiciona ser elegante. O pobre empregado vendedor que atende à clientela, e que com tanta paciência mostra a gravata, a camisa, os sapatos, que faz tantas reverências, sempre sorrindo com fingida mansidão, ambiciona algo mais porque tem medo, muito medo, medo da miséria, medo de seu futuro sombrio, medo da velhice, etc.

A ambição é polifacética. A ambição tem cara de santo e cara de diabo, cara de homem e cara de mulher, cara de interesse e cara de desinteresse, cara de virtuoso e cara de pecador.

Existe ambição naquele que quer se casar e no velho solteirão empedernido que detesta o casamento.

Existe ambição naquele que deseja com infinita loucura ser alguém, destacar-se, subir, etc., e existe ambição naquele que se faz anacoreta, que não deseja nada deste mundo; sua única ambição é alcançar o céu, libertar-se, etc.

Existem ambições terrenas e ambições espirituais. Às vezes, a ambição usa a máscara de desinteresse e do sacrifício.

Quem não ambiciona este mundo ruim e miserável, ambiciona o outro. Quem não ambiciona dinheiro, ambiciona poderes psíquicos.

O eu, o mim mesmo, o si mesmo, encanta-se em esconder a ambição, em metê-la nos esconderijos mais secretos da mente, para dizer em seguida: Eu não ambiciono nada. Eu amo meus semelhantes. Eu trabalho desinteressadamente pelo bem de todos os seres humanos.

O político esperto e que todos conhecem, às vezes assombra às multidões com suas obras aparentemente desinteressadas. Mas, quando abandona seu cargo político, é apenas normal que saia de seu país com uns quantos milhões de dólares.

A ambição disfarçada com a máscara do desinteresse costuma enganar as pessoas mais astutas.

Existe no mundo muita gente que só ambiciona não ser ambiciosa.

São muitas as pessoas que renunciam a todas as pompas e vaidades do mundo, porque só ambicionam a própria auto-perfeição íntima.

O penitente que caminha de joelhos até o templo e se flagela cheio de fé, não ambiciona aparentemente nada e até se dá ao luxo de dar sem tirar nada de ninguém. Mas é claro que ambiciona o milagre de sua cura, a saúde para si mesmo ou para algum familiar ou ainda a salvação eterna.

Nós admiramos os homens e as mulheres verdadeiramente religiosos, porém lamentamos que não amem a sua religião com todo desinteresse. As santas religiões, as seitas sublimes, ordens, sociedades espirituais, etc., merecem o nosso amor desinteressado.

É muito raro encontrar neste mundo uma pessoa que ame sua religião, sua escola, sua seita, etc., desinteressadamente. Isto é lamentável!

Todo mundo está cheio de ambições. Hitler lançou-se à guerra por ambição.

Todas as guerras têm sua origem no medo e na ambição. Os problemas mais graves da vida têm sua origem na ambição.

Todo mundo vive em luta contra todo mundo devido à ambição; uns contra os outros e todos contra todos.

Toda pessoa ambiciona ser algo na vida. As pessoas já de certa idade, professores, pais de família, tutores, etc., estimulam os meninos, as meninas, as senhoritas, os jovens, a seguir pelo horrendo caminho da ambição.

Os adultos dizem aos jovens que eles têm de ser alguma coisa na vida, que têm de ficar ricos, que devem casar com gente milionária, ser poderosos...

As gerações mais velhas, horríveis, feias, antiquadas, querem que as novas gerações sejam também ambiciosas, feias e horríveis como elas.

O mais grave de tudo isso é que a gente nova se deixa levar, se deixa conduzir pelo horrível caminho da ambição.

Os professores e professoras devem ensinar aos alunos e alunas que nenhum trabalho honrado merece desprezo. É absurdo olhar com desprezo o motorista de táxi, o balconista, o camponês, o engraxate, etc.

Todo trabalho humilde é belo. Todo o trabalho humilde é necessário na vida social.

Nem todos nasceram para engenheiro, advogado, governador, presidente, doutor, etc.

No conglomerado social, todos os trabalhos são necessários, todos os ofícios; nenhum trabalho honrado deve jamais ser depreciado.

Na vida prática, cada ser humano serve para alguma coisa. O importante é saber para o que serve cada um.

O dever dos professores e professoras é descobrir a vocação de cada estudante e orientá-lo nesse sentido.

Aquele que trabalhar na vida de acordo com a sua vocação, trabalhará com verdadeiro amor e sem ambição.

O amor deve substituir a ambição. A vocação é aquilo que realmente nos agrada, aquela profissão que desempenhamos com alegria, porque é o que nos agrada, o que amamos.

Infelizmente, na vida moderna, as pessoas trabalham sem gosto e por ambição; exercem profissões que não coincidem com a sua vocação.

Quando alguém trabalha no que gosta, em sua verdadeira vocação, o faz com amor porque ama sua vocação, porque suas atitudes para a vida são precisamente as de sua vocação.

Este é precisamente o trabalho dos professores. Saber orientar os alunos e alunas para que descubram suas aptidões; orientá-los pelo caminho de sua autêntica vocação.

Capítulo 8 - O AMOR

Os alunos e alunas devem compreender de forma integral, desde os bancos da escola, isso que se chama amor.

O medo e a dependência costumam confundir-se com o amor, mas não são o amor.

Os jovens e moças dependem de seus pais e professores e é claro que os respeitam e temem ao mesmo tempo.

Os meninos e meninas, os jovens e senhoritas, dependem de seus pais para questões de roupa, comida, dinheiro, moradia, etc. A todas as luzes fica claro que se sentem protegidos. Sabem que dependem de seus pais e por isso os respeitam e até os temem, mas isso não é amor.

Como exemplo do que estamos dizendo, podemos verificar com inteira exatidão que todo menino, menina, jovem ou senhorita tem mais confiança em seus amiguinhos ou amiguinhas da escola do que em seus próprios pais.

Realmente, os meninos, meninas, jovens e senhoritas falam com seus companheirinhos e companheirinhas coisas íntimas que jamais na vida falaria com seus pais.

Isso está demonstrando que não há confiança verdadeira entre pais e filhos, que não há verdadeiro amor.

Faz-se urgente compreender que existe uma diferença radical entre o amor e isso que é respeito, temor, dependência e medo.

É urgente saber respeitar nossos pais e professores, mas não confundir respeito com amor.

O respeito e o amor devem estar intimamente unidos, mas não devemos confundir um com o outro.

Os pais temem por seus filhos e desejam para eles o melhor: uma boa profissão, um bom casamento, proteção, etc.

Porém, confundem esse temor com o verdadeiro amor.

Faz-se necessário compreender que sem amor verdadeiro é impossível para os pais e professores guiar as novas gerações sabiamente, ainda que tenham muito boas intenções.

O caminho que conduz ao abismo está empedrado de boas intenções.

Vejamos o caso mundialmente conhecido dos "rebeldes sem causa". Esta é uma epidemia mental que se propagou pelo mundo inteiro. Multidões de jovens "bem nascidos", dizem que muito amados por seus pais, muito mimados, muito queridos assaltam transeuntes indefesos, atacam e violentam mulheres, roubam, apedrejam, andam em bandos causando dano por todas as partes, faltam com o respeito aos professores e pais de família.

Os "rebeldes sem causa" são o produto da falta de verdadeiro amor.

Onde existe verdadeiro amor, não pode existir "rebeldes sem causa".

Se os pais de família amassem de verdade seus filhos, saberiam orientá-los inteligentemente e então não existiriam os "rebeldes sem causa".

Os "rebeldes sem causa" são o resultado de uma má orientação.

Os pais de família não tiveram amor suficiente para dedicarem-se de verdade a orientar os seus filhos sabiamente.

Os pais de família modernos só pensam em dinheiro. Só pensam em dar a seu filho o carro último modelo, as roupas da moda, etc. Não os amam de verdade, não sabem amar, por isso surgem os "rebeldes sem causa".

A superficialidade desta época deve-se à falta de verdadeiro amor.

A vida moderna é semelhante a um charco sem profundidade.

No fundo lago da vida, podem viver muitas criaturas, muitos peixes, mas a poça da beira do caminho logo seca com os ardentes raios do sol e a única coisa que resta é o lodo, a podridão, a fealdade...

É impossível compreender a beleza da vida em todo seu esplendor, se ainda não aprendemos a amar.

As pessoas confundem o respeito e o temor com isso que se chama amor.

Respeitamos nossos superiores e os tememos, e então julgamos que os amamos.

As crianças temem seus pais e professores, os respeitam, e assim pensam que os amam.

A criança teme a surra, a bronca, a nota ruim, a censura em casa ou na escola, etc. Assim, crê que ama seus pais e professores; mas, na realidade, só os teme.

Dependemos do emprego e do patrão, tememos a miséria, o desemprego e assim cremos que amamos o patrão e até cuidamos de seus interesses, cuidamos de suas propriedades, porém isso não é amor, isso é temor.

Muita gente tem medo de pensar por si mesma nos mistérios da vida e da morte, medo de inquirir, de investigar, compreender, estudar, etc. Então, exclamam: Eu amo a Deus e isso é suficiente! Crêem que amam a Deus, porém, na realidade, não amam, temem.

Em tempos de guerra, a esposa sente que adora seu marido mais do que nunca e deseja com ansiedade infinita sua volta à casa. Contudo, na realidade, não o ama, apenas tem medo de ficar sem marido e sem proteção.

A escravidão psicológica, a dependência, depender de alguém, não é amor, é unicamente temor. Isso é tudo.

A criança em seus estudos depende do professor e da professora e é claro que teme a expulsão, a nota ruim, a censura, etc. Muitas vezes julga que os ama, mas o que acontece é que os teme.

Quando a esposa está no parto, ou em perigo de vida por alguma doença, o marido acha que a ama muito mais, mas na realidade, o que acontece é que teme perdê-la, depende dela em muitas coisas, como comida, sexo, roupa lavada, carinho, etc. Ele teme perdê-la e isso não é amor.

Todo mundo diz que adora todo mundo, mas tal coisa não existe. É muito raro achar alguém na vida que saiba verdadeiramente amar.

Se os pais amassem de verdade a seus filhos, se os filhos amassem de verdade a seus pais, se os professores amassem de verdade a seus alunos e alunas, não poderia haver guerras. As guerras seriam completamente impossíveis.

O que ocorre é que as pessoas não compreenderam o que é o amor e confundem todo temor, toda escravidão psicológica, toda paixão, etc., com isso que se chama amor.

As pessoas não sabem amar. Se as pessoas soubessem amar, a vida seria de fato um paraíso.

Os namorados crêem que estão amando e muitos até seriam capazes de jurar com sangue que estão amando. No entanto, só estão apaixonados. Satisfeita a paixão, o castelo de cartas vem abaixo.

A paixão costuma enganar a mente e o coração. Todo apaixonado pensa que está enamorado.

É muito raro encontrar na vida algum casal verdadeiramente enamorado. São muitos os casais de apaixonados, porém é difícil encontrar um casal de enamorados.

Os artistas cantam ao amor, mas não sabem que coisa é o amor e confundem-no com a paixão.

Se existe algo difícil nesta vida, é não confundir a paixão com o amor.

A paixão é o veneno mais delicioso e mais sutil que se pode conceber e termina sempre triunfando, a preço de sangue.

A paixão é cem por cento sexual e animal, mas algumas vezes é também muito refinada e sutil. Sempre a confundimos com o amor.

Os professores e professoras devem ensinar aos alunos, jovens e senhoritas, a diferenciar entre amor e a paixão.

Somente assim se evitará mais tarde muitas tragédias na vida.

Os professores e professoras estão obrigados a formar a responsabilidade dos alunos e alunas.

Por isso, eles devem prepará-los devidamente para que não se convertam em trágicos na vida.

É preciso compreender o que é o amor, isso que não se pode misturar com ciúmes, paixões, apegos, violências, temor, dependência psicológica, etc.

Infelizmente, o amor não existe nos seres humanos e tampouco é algo que se pode adquirir, comprar, cultivar como flor de jardim, etc.

O amor tem de nascer em nós e só nasce quando compreendemos a fundo o ódio que levamos dentro, o temor, a paixão sexual, o medo, a escravidão psicológica, a dependência, etc.

Temos de compreender o que são estes defeitos psicológicos, temos de compreender como eles se manifestam em nós não só no nível intelectual da vida, mas também em outros níveis ocultos e desconhecidos do subconsciente.

Faz-se necessário extrair dos diferentes esconderijos da mente todos esses defeitos. Somente assim nasce em nós de forma espontânea e pura isso que se chama amor.

É impossível querer transformar o mundo sem a labareda do amor. Só o amor pode de verdade transformar o mundo.

Capítulo 9 - A MENTE

Podemos comprovar, através da experiência, que é impossível compreender isso que se chama amor, até que tenhamos compreendido antes de forma integral o complexo problema da mente.

Aqueles que supõem que a mente é o cérebro estão totalmente equivocados. A mente é energética, sutil, pode se tornar independente da matéria; pode, em certos estados hipnóticos ou durante o sono normal, transportar-se a lugares remotos para ver e ouvir o que está acontecendo nesses locais.

Nos laboratórios de parapsicologia, são feitos notáveis experimentos com pessoas em estado hipnótico.

Muitos sujeitos em estado hipnótico puderam informar com minúcias de detalhes sobre acontecimentos, pessoas e situações que estavam a longínquas distâncias durante seu transe hipnótico.

Os cientistas puderam verificar depois a realidade das informações. Puderam comprovar a realidade dos fatos e a exatidão dos acontecimentos.

Com estes experimentos dos laboratórios parapsicologia fica totalmente demonstrado, pela observação e pela experiência, que o cérebro não é a mente.

Realmente e de toda verdade, podemos dizer que a mente pode viajar através do tempo e do espaço independentemente do cérebro, para ver e ouvir coisas que acontecem em lugares distantes.

A realidade das percepções extra-sensoriais já está completamente demonstrada e só a um doido varrido ou a um idiota poderia ocorrer negar a sua realidade.

O cérebro foi feito para elaborar o pensamento, mas não é o pensamento. O cérebro é apenas o instrumento da mente, mas não é a mente.

Necessitamos estudar a fundo a mente se é que de verdade queremos conhecer de forma integral isso que se chama amor.

As crianças e os jovens têm a mente mais elástica, flexível, prontas, alertas, etc.

Muitas são as crianças e jovens que gostam de perguntar a seus pais e professores sobre tais e quais coisas. Eles desejam saber algo mais. Querem saber e por isso perguntam, observam, vêem certos detalhes que os adultos desprezam ou não percebem. Porém, conforme passam os anos, conforme avançam em idade, sua mente vai cristalizando pouco a pouco.

A mente dos anciões está fixa, petrificada. já não muda nem a tiros de canhão.

Os velhos são assim e assim morrem. Eles não mudam e abordam tudo de um ponto fixo.

A caducidade dos velhos, seus preconceitos, suas idéias fixas, etc., parecem tudo junto uma rocha, uma pedra que não muda de forma alguma. Por isso diz o ditado popular: gênio e figura até a sepultura.

É urgente que os professores e professoras encarregados de formar a personalidade dos alunos e alunas estudem bem a fundo a mente, a fim de que possam orientar as novas gerações inteligentemente.

É doloroso compreender a fundo como a mente vai se petrificando pouco a pouco através do tempo.

A mente é o matador do real, do verdadeiro. A mente destrói o amor.

Quem fica velho já não é capaz de amar, porque sua mente está cheia de dolorosas experiências, idéias fixas como ponta de aço, preconceitos, etc.

Existem por aí velhos verdes que se julgam ainda capazes de amar, no entanto o que ocorre é que esses velhos cheios de paixão sexual senil confundem a paixão com o amor.

Todo velho verde e toda velha verde passam por tremendos estados luxuriosos-passionais antes de morrerem e pensam que isso é amor.

O amor nos velhos é impossível, porque a mente o destrói com suas idéias fixas caducas, preconceitos, ciúmes, experiências, recordações, paixões sexuais...

A mente é o pior inimigo do amor. Nos países supercivilizados, o amor já não existe porque a mente das pessoas cheira somente a fábricas, contas bancárias, gasolina e celulósido.

Existem muitas garrafas para a mente, e a mente de cada pessoa está bem engarrafada.

Uns têm a mente engarrafada no abominável comunismo e outros a têm engarrafada no impiedoso capitalismo.

Há aqueles que têm a mente engarrafada nos ciúmes, no ódio, no desejo de ser rico, na boa posição social, no pessimismo, no apego a determinadas pessoas, no apego a seus próprios sofrimentos, em seus problemas familiares, etc.

As pessoas gostam de engarrafar a mente. Raras são aquelas que se resolvem de verdade a quebrar a garrafa em pedaços.

Precisamos libertar a mente, mas as pessoas gostam da escravidão. É muito raro encontrar alguém na vida que não tenha a mente bem engarrafada.

Os professores e professoras devem ensinar seus alunos e alunas todas estas coisas. Devem ensinar às novas gerações a investigar, observar e compreender suas próprias mentes. Só assim, mediante a compreensão de fundo, poderemos evitar que a mente se cristalize, se congele, se engarrafe.

A única coisa que pode transformar o mundo é o amor, mas a mente destrói o amor.

Precisamos estudar nossa própria mente, observá-la, investigá-la profundamente, compreendê-la verdadeiramente. Só assim, somente tornando-nos donos de nós mesmos, de nossa própria mente, mataremos a matadora do amor e seremos felizes de verdade.

Aqueles que vivem fantasiando lindamente sobre o amor, aqueles que vivem fazendo projetos sobre o amor, aqueles que querem que o amor aja de acordo com seus gostos e desgostos,

projetos e fantasias, normas e preconceitos, lembranças e experiências, etc., jamais poderão saber realmente o que é o amor. De fato, eles se converteram em inimigos do amor.

É necessário compreender de forma integral o que são os processos da mente em estado de acumulação de experiências.

O professor ou a professora censuram muitas vezes de forma justa, mas às vezes estupidamente e sem motivo verdadeiro, sem compreender que toda censura injusta fica depositada na mente dos estudantes. O resultado de semelhante proceder equivocado costuma ser a perda do amor para com o professor ou professora.

A mente destrói o amor e isto é algo que os professores e professoras de escolas, colégios e universidades não devem esquecer jamais.

É necessário compreender a fundo todos esses processos mentais que acabam com a beleza do amor.

Não basta ser pai ou mãe de família, há que saber amar. Os pais e mães de família crêem que amam seus filhos e filhas porque os têm, porque são seus, porque os possuem como quem tem uma bicicleta, um automóvel ou uma casa.

Esse sentimento de posse, de dependência, costuma ser confundido com o amor, mas jamais poderia ser amor.

Os professores e professoras de nosso segundo lar, que é a escola, crêem que amam seus discípulos e discípulas porque lhes pertencem como tais, porque os possuem, mas isso não é amor. O sentimento de posse e de dependência não é amor.

A mente destrói o amor e só compreendendo todas as funções equivocadas da mente, as formas absurdas de pensar, os maus costumes, hábitos automáticos e mecânicos, maneira equivocada de ver as coisas, etc., poderemos chegar a vivenciar, a experimentar de verdade isso que não pertence ao tempo, isso que se chama amor.

Aqueles que querem que o amor se converta em uma peça de sua própria máquina rotineira, aqueles que querem que o amor caminhe pelos trilhos equivocados de seus próprios preconceitos, apetites, temores, experiências da vida, modo egoísta de ver as coisas, forma equivocada de pensar, etc., acabam de fato com o amor, porque este jamais se deixa submeter.

Aqueles que querem que o amor funcione como eles querem, como eles desejam, como eles pensam, perdem o amor, porque Cupido, o deus do amor, jamais estará disposto a se deixar escravizar pelo eu.

Há que acabar com o eu, com o mim mesmo, com o si mesmo, para não perder o menino do amor.

O eu é um punhado de recordações, apetites, temores, ódios, paixões, experiências, egoísmos, invejas, cobiças, luxúrias, etc.

Só compreendendo cada defeito em separado, só estudando-o, observando-o diretamente, não apenas na região intelectual mas também em todos os níveis subconscientes da mente, é que ele vai desaparecendo. Assim vamos morrendo de momento a momento. Assim e só assim conseguimos a desintegração do eu.

Aqueles que querem engarrafar o amor dentro da horrível garrafa do eu, perdem o amor, ficam sem ele, porque o amor jamais poderá ser engarrafado.

Infelizmente, as pessoas querem que o amor se comporte de acordo com seus próprios hábitos, desejos, costumes, etc. As pessoas querem que o amor se submeta ao eu, e isto é completamente impossível, porque o amor não obedece ao eu.

Os casais de namorados, ou melhor diríamos apaixonados, supõem que o amor deve caminhar fielmente pelos trilhos de seus próprios desejos, concupiscência, erros, etc. Nisto, estão totalmente equivocados.

"Falemos de nós", dizem os namorados ou apaixonados sexuais, que é o que mais abunda neste mundo. Em seguida, vêm os planos, os projetos, os desejos e os suspiros. Cada um diz alguma coisa, expõe seus projetos, seus desejos, sua maneira de ver as coisas da vida e quer que o amor corra como uma locomotiva pelos trilhos de aço traçados por sua mente.

Quão equivocados andam esses namorados ou apaixonados! Quão longe estão da realidade!

O amor não obedece ao eu e quando os cônjuges querem lhe pôr correntes no pescoço, foge, deixando o casal na desgraça.

A mente tem o mau gosto de comparar. O homem compara uma noiva com outra. A mulher compara um homem com outro. O professor compara um aluno com outro, uma aluna com outra, como se todos seus alunos não merecessem o mesmo apreço. Realmente, toda comparação é abominável.

Quem contempla um bonito pôr de sol e o compara com outro, não sabe realmente compreender a beleza que tem diante dos olhos.

Quem contempla uma bela montanha e a compara com outra que viu ontem, não está realmente compreendendo a beleza da montanha que tem diante de seus olhos.

Onde existe comparação não existe o amor verdadeiro. O pai e a mãe que amam seus filhos de verdade jamais os comparam com ninguém. Amam-nos e isso é tudo.

O esposo que realmente ama sua esposa jamais comete o erro de compará-la com alguém. Ama-a e isso é tudo.

O professor ou a professora que ama seus alunos e alunas jamais discrimina, nunca os compara entre si, ama-os de verdade e isso é tudo.

A mente dividida pelas comparações, a mente escrava do dualismo, destrói o amor.

A mente dividida pelo batalhar dos opostos não é capaz de compreender o novo, se petrifica, se congela.

A mente tem muitas profundidades, regiões, terrenos subconscientes, esconderijos, mas o melhor é a Essência, a Consciência, e ela está no centro.

Quando o dualismo acaba, quando a mente se torna íntegra, serena, quieta, profunda, quando já não compara mais, desperta a Essência, a Consciência, e este deve ser o objetivo verdadeiro da EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL.

Distingamos entre objetivo e subjetivo. No objetivo, há consciência desperta. No subjetivo, há consciência adormecida, subconsciência. Só a consciência objetiva pode gozar do conhecimento objetivo.

A informação intelectual que atualmente recebem os alunos e alunas de todas as escolas, colégios e universidades é cem por cento subjetiva.

O conhecimento objetivo não pode ser adquirido sem consciência objetiva.

Os alunos e alunas devem primeiro chegar à auto-consciência e depois à consciência objetiva.

Só pelo caminho do amor podemos chegar à consciência objetiva e ao conhecimento objetivo.

É necessário compreender o complexo problema da mente se é que de verdade queremos percorrer o caminho do amor.

Capítulo 10 - SABER ESCUTAR

Existem muitos oradores no mundo que assombram por sua eloquência, mas são poucas as pessoas que sabem escutar.

Saber escutar é muito difícil, e poucas são na verdade as pessoas que sabem escutar.

Quando fala o professor, a professora ou o conferencista, o auditório parece estar atento, como que seguindo em detalhe cada palavra do orador. Tudo dá a idéia de que estão escutando, de que se acham em estado de alerta; no entanto, no fundo psicológico de cada indivíduo, há um secretário que traduz cada palavra do orador.

Esse secretário é o eu, o mim mesmo, o si mesmo. O trabalho desse secretário consiste em mal interpretar, mal traduzir, as palavras do orador.

O eu traduz de acordo com seus preconceitos, pré-julgamentos, temores, orgulho, ansiedades, idéias, memórias, etc.

Os alunos na escola, as alunas, os indivíduos que somados constituem o auditório que escuta, realmente não estão escutando o orador, só estão escutando a si mesmos, estão escutando seu próprio Ego, seu querido e maquiavélico Ego, o qual não está disposto a aceitar o real, o verdadeiro, o essencial.

Somente em estado de alerta novidade, com mente espontânea, livre do peso do passado, em estado de plena receptividade, podemos realmente escutar sem a intervenção desse péssimo secretário de mau agouro chamado eu, mim mesmo, si mesmo ou Ego.

Quando a mente está condicionada pela memória, só repete aquilo que acumulou.

A mente condicionada pelas experiências de tantos e tantos ontens só consegue ver o presente através das lentes turvas do passado.

Se queremos saber escutar, se queremos aprender a escutar para descobrir o novo, devemos viver de acordo com a filosofia da momentaneidade.

É urgente viver de momento a momento, sem as preocupações do passado e sem os projetos do futuro. A verdade é o desconhecido de momento a momento. Nossas mentes devem estar sempre alertas, em plena atenção, livres de idéias preconcebidas e de preconceitos a fim de estarem realmente receptivas.

Os professores e professoras de escola devem ensinar a seus alunos e alunas o profundo significado que há em saber escutar.

É necessário aprender a viver sabiamente, refinar nossos sentidos, refinar nossa conduta, nossos pensamentos e nossos sentimentos.

De nada serve ter uma grande cultura acadêmica se não sabemos escutar, se não somos capazes de descobrir o novo de momento a momento.

Precisamos refinar a atenção, refinar nossos modos, refinar nossas pessoas, as coisas, etc.

É impossível ser verdadeiramente refinado quando não se sabe escutar.

As mentes toscas, rudes, deterioradas, degeneradas, jamais sabem escutar, jamais sabem descobrir o novo. Essas mentes só compreendem, só entendem de forma equivocada as absurdas traduções desses secretário satânico chamado eu, mim mesmo, Ego.

Ser refinado é algo muito difícil e requer plena atenção. Alguém pode ser uma pessoa muito entendida em moda, roupas, vestidos, jardins, automóveis, amizades, etc., e no entanto continuar no íntimo sendo rude, tosco e pesado.

Quem sabe viver de momento a momento, segue realmente pelo caminho do verdadeiro refinamento.

Quem tiver mente receptiva, espontânea, íntegra, alerta, caminhará pela senda do autêntico refinamento.

Quem se abre ao novo, abandonando o peso do passado, os preconceitos, os pré-julgamentos, receios, fanatismos, etc., anda com êxito pelo caminho do legítimo refinamento.

A mente degenerada vive engarrafada no passado, nos preconceitos, orgulho, amor próprio, pré-julgamentos, etc.

A mente degenerada não sabe ver o novo, não sabe escutar, está condicionada pelo amor próprio. Os fanáticos do marxismo-leninismo não aceitam o novo, não admitem a quarta característica de todas as coisas, a quarta dimensão, por amor próprio. Querem demasiado a si mesmos, apegam-se as suas próprias teorias materialistas absurdas. Quando os colocamos no terreno dos fatos concretos, quando demonstramos a eles o absurdo de seus sofismas, levantam o braço esquerdo, olham os ponteiros de seus relógios de pulso, dão uma desculpa evasiva e se vão.

Essas são mentes degeneradas, mentes decrepitas que não sabem escutar, que não sabem descobrir o novo, que não aceitam a realidade, porque estão engarradas no amor próprio. Mentes que querem demasiado a si mesmas, mentes que nada sabem de refinamentos culturais, mentes toscas, mentes rudes, que só escutam ao seu querido Ego.

A EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL ensina a escutar, ensina a viver sabiamente.

Os professores e professoras de escolas, colégios e universidades devem ensinar a seus alunos e alunas o caminho autêntico do verdadeiro refinamento vital.

De nada serve permanecer dez ou quinze anos metidos em escolas, colégios e universidades se, ao sairmos de lá, somos internamente verdadeiros porcos em nossos pensamentos, idéias, sentimentos e costumes.

Necessitamos da EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL de forma urgente porque as novas gerações significam o começo de uma nova era.

Chegou a hora da verdadeira revolução, chegou o momento da revolução fundamental.

O passado é passado e já deu seus frutos. Necessitamos compreender o profundo significado do momento e que vivemos.

Capítulo 11 - SABEDORIA E AMOR

A Sabedoria e o Amor são as duas colunas torais de toda verdadeira civilização.

Num prato da balança da justiça devemos colocar a SABEDORIA e no outro, o AMOR.

A Sabedoria e o Amor devem equilibrar-se mutuamente; sabedoria sem amor é um elemento destrutivo; amor sem sabedoria, pode nos conduzir ao erro. "Amor é lei, porém amor consciente".

É necessário estudar muito e adquirir grandes conhecimentos, mas também é urgente desenvolver em nós o Ser Espiritual.

O conhecimento, sem o Ser Espiritual bem desenvolvido em forma harmoniosa dentro de nós, vem a ser a causa disso que se chama velhacaria.

O Ser bem desenvolvido dentro de nós, mas sem conhecimentos intelectuais, dá origem aos "santos estúpidos".

Um "santo estúpido" tem o Ser Espiritual muito desenvolvido, mas como não tem cultura intelectual não pode fazer nada porque não sabe "como" fazer.

O santo estúpido tem o poder de fazer, mas não pode fazer porque não sabe como fazer.

O conhecimento intelectual sem o Ser Espiritual bem desenvolvido produz confusão intelectual, perversidade, orgulho, etc., etc.

Durante a Segunda Guerra Mundial, milhares de cientistas, desprovidos de qualquer sentimento espiritual, em nome da ciência e do bem-estar da humanidade, cometeram crimes espantosos com o propósito de fazer experiências científicas.

Necessitamos formar uma poderosa cultura intelectual, porém tremendamente equilibrada com a verdadeira espiritualidade consciente.

Necessitamos uma ética revolucionária e uma psicologia revolucionária, se de fato quisermos dissolver o "Eu" e desenvolver o legítimo Ser Espiritual em nós.

É lamentável que as pessoas, por falta de amor, utilizem o intelecto de forma destrutiva.

Os alunos e alunas necessitam estudar Ciências, História, Geografia, Matemática, Química, etc.

É necessário adquirir conhecimentos vocacionais com o propósito de sermos úteis.

Estudar é necessário; acumular conhecimentos básicos é indispensável; mas o medo não é indispensável.

Muitas pessoas acumulam conhecimentos por medo; medo da vida, medo da morte, medo da fome, da miséria, medo do que os outros vão dizer, etc., e estudam por esses motivos.

Devemos estudar por amor a nossos semelhantes, por querer servi-los melhor; mas jamais se deve estudar por medo.

Na vida prática, podemos comprovar que aqueles estudantes que estudam motivados pelo medo, mais cedo ou mais tarde convertem-se em velhacos.

Temos que ser sinceros com nós mesmos para podermos nos auto-observar e descobrir em nós todos os processos do medo.

Não devemos esquecer jamais que o medo tem muitas faces. Às vezes, o medo se confunde com a coragem. Os soldados nos campos de batalha parecem ser muito corajosos, mas na verdade movem-se e lutam por causa do medo.

O suicida também pode parecer muito corajoso, mas na verdade é um covarde que tem medo da vida.

Todo velhaco na vida aparenta ser muito corajoso, mas no fundo é um covarde.

Os patifes costumam utilizar a profissão e o poder de forma destrutiva. Exemplo: Fidel Castro em Cuba.

Jamais nos pronunciaríamos contra a experiência da vida prática nem contra o cultivo do intelecto, mas condenamos a falta de amor.

O conhecimento e as experiências da vida se tornam destrutivos quando falta amor. Quando não existe amor, o Ego costuma capturar as experiências e os conhecimentos intelectuais.

O Ego abusa das experiências e do intelecto quando os utiliza para se fortalecer.

Desintegrando o Ego, o Eu, O Mim Mesmo, as experiências e o intelecto ficam nas mãos do Ser Íntimo e o abuso torna-se então impossível.

Todo estudante deve orientar-se pelo caminho vocacional e estudar a fundo todas as teorias relacionadas com sua profissão.

O estudo e o intelecto não prejudicam ninguém, mas não devemos abusar do intelecto.

Necessitamos estudar para não abusarmos da mente. Abusa da mente quem quer estudar todas as teorias das distintas profissões; quem quer prejudicar os outros com o intelecto, quem exerce violência sobre a mente alheia, etc., etc.

Para ter uma mente equilibrada, é necessário estudar os assuntos profissionais e os assuntos espirituais.

É urgente chegar à síntese intelectual e à síntese espiritual, se de fato queremos ter uma mente equilibrada.

Os professores de todas as escolas, de todos os níveis, devem estudar a psicologia revolucionária gnóstica, se verdadeiramente querem conduzir seus alunos pelo caminho da Educação Fundamental.

É necessário que os estudantes adquiram o Ser Espiritual, desenvolvam em si mesmos o Ser Verdadeiro, para que saiam da escola convertidos em indivíduos responsáveis e não em patifes estúpidos.

De nada serve a Sabedoria sem o Amor. O intelecto sem amor só produz velhacos.

A sabedoria, em si mesma, é substância atômica, é capital atômico, que só deve ser administrada por indivíduos cheios de verdadeiro amor.

Capítulo 12 - A GENEROSIDADE

É necessário amar e ser amado, mas, para a desgraça do mundo, as pessoas não amam e nem são amadas.

Isso que se chama de amor é algo desconhecido para as pessoas, que o confundem facilmente com a paixão e com o temor.

Se as pessoas pudessem amar e serem amadas, as guerras seriam completamente impossíveis sobre a face da terra.

Muitos casamentos que poderiam verdadeiramente ser felizes, infelizmente não o são, porque há velhos e antigos ressentimentos acumulados na memória.

Se houvesse generosidade entre os cônjuges, esqueceriam o passado doloroso e viveriam em plenitude, cheios de verdadeira felicidade.

A mente mata o amor, o destrói. As experiências, os velhos desgostos, os ciúmes antigos, tudo isso acumulado na memória destrói o amor.

Muitas esposas ressentidas poderiam ser felizes, se tivessem suficiente generosidade para esquecer o passado e viver o presente adorando seu marido.

Muitos maridos poderiam ser verdadeiramente felizes com suas mulheres, se tivessem generosidade suficiente para perdoar os velhos erros e lançar no esquecimento as rusgas e os dissabores guardados na memória.

É necessário, é urgente que os casais compreendam o profundo significado do momento.

Maridos e mulheres devem sempre sentir-se como recém-casados, esquecendo o passado e vivendo alegremente no presente.

O amor e os ressentimentos são substâncias atômicas incompatíveis. No amor não podem existir ressentimentos de qualquer espécie. O amor é eterno perdão.

Existe amor naqueles indivíduos que sentem verdadeira angústia pelos sofrimentos dos seus amigos e dos seus inimigos.

Existe amor verdadeiro naqueles que trabalham, de todo coração, pelo bem-estar dos humildes, dos pobres e dos necessitados.

Existe amor naquele que de forma espontânea e natural sente simpatia pelo camponês que rega o sulco da terra com o seu suor, pelo aldeão que sofre, pelo mendigo que pede esmolas, pelo cachorro que sofre, doente, a morrer de fome à beira do caminho.

Existe autêntica generosidade, verdadeiro amor e verdadeira simpatia quando, de forma natural e espontânea, cuidamos da árvore e regamos as flores do jardim sem que ninguém nos peça.

Para a infelicidade do mundo, as pessoas não têm verdadeira generosidade

As pessoas preocupam-se apenas por suas próprias metas egoístas, desejos, sucessos, conhecimentos, experiências, sofrimentos, prazeres, etc., etc.

No mundo existem muitas pessoas que só possuem falsa generosidade. Existe falsa generosidade no político astuto, que esbanja dinheiro com o propósito egoísta de conseguir poder, prestígio, posição, riquezas, etc. Não devemos confundir gato com lebre. A verdadeira generosidade é absolutamente desinteressada, mas facilmente se confunde com a falsa generosidade egoísta das raposas da política, dos velhacos capitalistas, dos sátiros que cobiçam uma mulher, etc.

Devemos ser generosos de coração. A generosidade verdadeira não é da mente, a generosidade autêntica é o perfume do coração.

Se as pessoas tivessem generosidade, esqueceriam todos os ressentimentos acumulados na memória, todas as experiências dolorosas dos muitos ontens e aprenderiam a viver de momento em momento, sempre felizes, sempre generosas, cheias de verdadeira sinceridade.

Infelizmente, o Eu é memória e vive no passado, quer sempre voltar ao passado. O passado acaba com as pessoas, destrói a felicidade, mata o amor.

A mente engarrafada no passado jamais pode compreender de forma íntegra o profundo significado do momento em que vivemos.

São muitas as pessoas que nos escrevem procurando consolo, pedindo um bálsamo precioso para curar seu coração dolorido, mas são poucos aqueles que se preocupam por consolar o aflito.

São muitas as pessoas que nos escrevem para relatar o estado miserável em que vivem, mas são poucos aqueles que partem o único pão que têm para se alimentar para comparti-lo com outros necessitados.

As pessoas não querem entender que por trás de todo efeito existe uma causa e que só alterando a causa modificamos o efeito.

O Eu, nosso querido Eu, é energia que viveu em nossos antepassados e que originou certas causas pretéritas cujos efeitos presentes condicionam nossa existência.

Necessitamos GENEROSIDADE para modificar causas e transformar efeitos. Necessitamos generosidade para dirigir sabiamente o barco de nossa existência.

Necessitamos generosidade para transformar radicalmente nossa própria vida.

A legítima e efetiva generosidade não é da mente. A autêntica simpatia e o afeto verdadeiro e sincero jamais podem ser o resultado do medo.

É necessário compreender que o medo destrói a simpatia, acaba com a generosidade do coração e aniquila em nós o perfume delicioso do Amor.

O medo é a raiz de toda corrupção, a origem secreta de toda guerra, o veneno mortal que degenera e mata.

Os professores e professoras de escolas, colégios e universidades devem compreender a necessidade de encaminhar seus alunos e alunas pelo caminho da generosidade verdadeira, do valor e da sinceridade do coração.

As pessoas rançosas e estúpidas da geração passada, em vez de compreender o que é esse veneno do medo, o cultivaram como uma flor fatal de estufa. O resultado foi a corrupção, o caos e a anarquia.

Os professores e professoras devem compreender a hora em que vivemos, o estado crítico em que nos encontramos e a necessidade de educar as novas gerações sobre a base de uma ética revolucionária que esteja sintonizada com a era atômica que nestes instantes de angústia e de dor está se iniciando por entre o augusto trovejar do pensamento.

A EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL se baseia em uma psicologia revolucionária e em uma ética revolucionária, de acordo com o ritmo vibratório da nova era.

O sentido da cooperação deverá substituir totalmente o horrível batalhar da competição egoísta. É impossível saber cooperar quando excluimos o princípio da generosidade efetiva e revolucionária.

É urgente compreender de forma íntegra, não só no nível intelectual mas também nos diferentes aspectos inconscientes da mente inconsciente e subconsciente, o que é a falta de generosidade e o horror do egoísmo. Só fazendo consciência do que é em nós a falta de generosidade e o egoísmo, brota em nosso coração a fragrância deliciosa do verdadeiro amor e da efetiva generosidade que não é da mente.

Capítulo 13 - COMPREENSÃO E MEMÓRIA

Recordar é lembrar-se do que foi armazenado na mente: o que vimos e ouvimos, o que lemos, o que outras pessoas disseram, o que nos aconteceu, etc.

Os professores e professoras querem que seus alunos e alunas armazenem na memória suas palavras, suas frases, o que está escrito nos textos escolares, capítulos inteiros, tarefas opressoras com todos seus pontos e vírgulas, etc.

Passar nos exames significa rememorar o que nos disseram, o que lemos mecanicamente, verbalizar de memória, repetir como papagaios, tudo o que temos armazenado na memória.

É preciso que a nova geração entenda que repetir como fita de gravador todas as gravações feitas na memória não significa ter entendido a fundo. Recordar não é compreender. De nada serve recordar sem compreender. A lembrança pertence ao passado, é algo morto, algo que já não tem vida.

É indispensável, urgente e de palpitante atualidade que todos os alunos e alunas de escolas, colégios e universidades entendam realmente o grande significado da compreensão profunda.

Compreender é algo imediato, direto, algo que vivenciamos intensamente, que experimentamos bem profundamente e que inevitavelmente vem a se converter em verdadeira recurso íntimo da ação consciente.

Recordar, rememorar, é algo morto, pertence ao passado, e, infelizmente, converte-se em ideal, em lema, em idéia, em idealismo que queremos imitar mecanicamente e seguir inconscientemente.

Na verdadeira compreensão, na compreensão profunda, na compreensão íntima de base, só há pressão íntima da consciência, pressão constante nascida da Essência que temos dentro de nós; isso é tudo.

A autêntica compreensão manifesta-se como ação espontânea, natural, simples, livre do deprimente processo da escolha; pura e sem indecisões de espécie alguma. A compreensão convertida em mola secreta da ação é formidável, maravilhosa, edificante e essencialmente dignificante.

A ação baseada na recordação do que lemos, do ideal que aspiramos, da norma de conduta que nos ensinaram, das experiências acumuladas na memória, etc., é calculista, depende da deprimente opção, é dualista, baseia-se na escolha conceitual e só conduz, inevitavelmente, ao erro e à dor.

Isso de acomodar a ação à recordação, isso de tratar de modificar a ação para que coincida com as recordações acumuladas na memória, é algo artificioso, absurdo, sem espontaneidade e que inevitavelmente só pode nos conduzir ao erro e à dor.

Passar nos exames, passar de ano, é algo que qualquer mentecapto que tenha uma boa dose de astúcia e memória pode fazer.

Compreender as matérias que se estudou e nas quais vão nos examinar é algo bem diferente, não tem nada a ver com a memória, pertence à verdadeira inteligência, que não deve ser confundida com o intelectualismo.

Aquelas pessoas que querem embasar todos os atos de sua vida nos ideais, teorias e recordações de toda espécie acumuladas nas garrafas da memória, andam sempre de comparação em comparação, e onde existe comparação existe também a inveja. Essa gente compara seus familiares, seus filhos, com os filhos do vizinho, com as pessoas da vizinhança. Comparam sua casa, seus móveis, suas roupas, todas as suas coisas com as coisas, do vizinho, da vizinhança e dos demais. Comparam suas idéias, a inteligência dos seus filhos, com as idéias e a inteligência de outras pessoas. Então, vem a inveja que se converte na mola secreta da ação.

Para desgraça do mundo, todo o mecanismo da sociedade se baseia na inveja e no espírito aquisitivo. Todo o mundo inveja a todo o mundo. Invejamos as idéias, as coisas, as pessoas, etc. Estamos sempre querendo dinheiro e mais dinheiro, novas teorias e novas idéias que acumulamos na memória, novas coisas para deslumbrar os nossos semelhantes, etc.

Na verdadeira compreensão, legítima, autêntica, existe verdadeiro amor e não mera verbalização da memória.

As coisas que dependem de recordação, aquilo que se confia à memória, logo caem no esquecimento porque a memória é infiel. Os estudantes depositam nos armazéns da memória ideais, teorias, textos completos, que de nada servem na vida prática, porque no fim desaparecem da memória sem deixar rastro algum.

As pessoas que vivem lendo e lendo mecanicamente, as pessoas que gozam armazenando teorias nas garrafas da memória, destroem a mente, danificam-na miseravelmente.

Nós não nos pronunciamos contra o verdadeiro estudo, profundo e consciente, baseado na compreensão de fundo.

Nós apenas condenamos os métodos antiquados da pedagogia extemporânea. Condenamos todo sistema mecânico de estudo, toda memorização. A recordação fica sobrando onde há verdadeira compreensão.

Necessitamos estudar, necessitamos de livros úteis, necessitamos de professores e professoras de escolas, colégios e universidades, necessitamos de gurus, de guias espirituais, de mahatmas, etc. Mas precisamos também compreender de forma integral os ensinamentos, e não depositá-los meramente nas garrafas da memória infiel.

Jamais conseguiremos ser verdadeiramente livres enquanto tivermos o mau gosto de comparar a nós mesmos com a recordação acumulada na memória, com o ideal, com o que ambicionávamos chegar a ser e não somos, etc.

Quando verdadeiramente compreendemos os ensinamentos recebidos, não precisamos mais nos lembrar deles de memória, nem convertê-los em ideais.

Onde existe comparação do que somos aqui e agora com o que queremos chegar a ser mais tarde, onde existe comparação de nossa vida prática com o ideal, o modelo ao qual queremos nos acomodar, não pode existir verdadeiro amor.

Toda comparação é abominável, toda comparação traz medo, inveja, orgulho, etc. Medo de não conseguir o que se quer, inveja do progresso alheio, orgulho por nos acharmos superiores aos demais, etc.

O importante na vida prática em que vivemos, sejamos feios, invejosos, egoístas, cobiçosos, etc., é não nos presumirmos de santos. Devemos partir do zero absoluto e compreender a nós mesmos profundamente, tal como somos, e não como gostaríamos de chegar a ser ou como nos presumimos ser.

É impossível dissolver o eu, o mim mesmo, se não aprendemos a nos observar, para perceber e para compreender o que realmente somos, aqui e agora, de forma efetiva e absolutamente prática.

Se realmente queremos compreender, temos de escutar nossos professores, professoras, gurus, sacerdotes, preceptores, guias espirituais, etc.

Os rapazes e moças da nova onda perderam o sentimento de respeito, de veneração, aos pais, professores, professoras, guias espirituais, gurus, mahatmas, etc.

É impossível compreender os ensinamentos quando não sabemos venerar e respeitar nossos pais, nossos preceptores ou guias espirituais.

A simples recordação mecânica do que aprendemos de memória, sem uma compreensão de fundo, mutila a mente e o coração e gera inveja, medo, orgulho, etc.

Quando de verdade sabemos escutar de forma consciente e profunda, surge dentro de nós um poder maravilhoso, uma compreensão formidável, natural, simples, livre de todo processo mecânico, livre de toda cerebrização e livre de toda recordação.

Se livramos o cérebro do estudante do enorme esforço de memória que tem de realizar, será totalmente possível ensinar a estrutura do núcleo e a tabela periódica dos elementos aos alunos do primeiro grau, bem como fazer um bacharel compreender a teoria dos quanta e da relatividade.

Quando dialogamos com alguns professores e professoras de escola secundária, compreendemos que se aferram com verdadeiro fanatismo à velha pedagogia antiquada e extemporânea. Querem que os alunos e alunas aprendam tudo de memória, ainda que não compreendam.

Às vezes, aceitam que seria melhor compreender do que memorizar, mas insistem que as fórmulas da física, química, matemática, etc., devem ser gravadas na memória.

É claro que tal concepção é falsa, porque quando uma fórmula da física, química ou matemática é devidamente compreendida, não apenas no nível intelectual como também nos outros níveis da mente, como o inconsciente, o subconsciente, o infraconsciente, etc., não precisa ser gravada na memória, vem a fazer parte da nossa psique e pode se manifestar como conhecimento instintivo e imediato quando as circunstâncias da vida o exigirem.

Este conhecimento íntegro vem nos dar uma forma de onisciência, um modo de manifestação consciente e objetivo.

A compreensão de fundo e em todos os níveis da mente só é possível através da meditação introspectiva profunda.

Capítulo 14 - INTEGRAÇÃO

Um dos maiores desejos da psicologia é chegar à integração total.

Se o eu fosse individual, o problema da integração psicológica seria resolvido com suma facilidade, mas, para a desgraça do mundo, o eu existe dentro de cada pessoa de forma pluralizada.

O Eu Pluralizado é a causa fundamental de todas as nossas íntimas contradições.

Se pudéssemos nos ver de corpo inteiro num espelho, tal como somos psicologicamente, com todas as nossas íntimas contradições, chegaríamos à penosa conclusão de que não temos ainda verdadeira individualidade.

O organismo humano é uma máquina maravilhosa controlada pelo eu pluralizado, que é estudado a fundo pela psicologia revolucionária.

Vou ler o jornal, diz o eu intelectual. Não, quero ir à festa, exclama o eu emocional. Ao diabo com a festa, grunhe o eu do movimento, melhor é dar um passeio. Eu não quero passear, grita o eu do instinto de conservação, tenho fome e vou comer.

Cada um dos pequenos eus que constituem o Ego quer mandar, ser o patrão, o senhor.

À luz da psicologia revolucionária, podemos compreender que o eu é legião e que o organismo é uma máquina.

Os pequenos eus brigam entre si, lutam pela supremacia, cada um quer ser o chefe, o amo, o senhor.

Isto explica o lamentável estado de desintegração psicológica em que vive o pobre animal intelectual equivocadamente chamado homem.

É preciso compreender o que significa a palavra desintegrar em psicologia. Desintegrar é desbaratar, dispersar, desgarrar, contradizer, etc.

A principal causa da desintegração psicológica é a inveja que costuma se manifestar, às vezes, de forma sutil e deliciosa.

A inveja é polifacética e existem milhares de razões para a justificar. A inveja é a mola secreta de toda a maquinaria social. Os imbecis adoram justificar a inveja.

O rico inveja o rico e quer ser mais rico. Os pobres invejam os ricos e também querem ser ricos.

O escritor inveja o escritor e quer escrever melhor. O que tem muita experiência inveja o que tem mais experiência e deseja ter mais do que ele.

As pessoas não se contentam em ter pão, agasalho e refúgio. A inveja do automóvel alheio, da casa alheia, da roupa do vizinho, do muito dinheiro do amigo ou do inimigo, etc., é a mola secreta que produz desejos de melhorar, de adquirir coisas e mais coisas, vestidos, roupas, virtudes, etc., para não sermos menos que os outros.

O mais trágico de tudo isso é que o processo acumulativo de experiências, virtudes, coisas, dinheiro, etc., robustece o eu pluralizado, intensificando-se dentro de nós mesmos as contradições íntimas, as espantosas dilacerações, as cruéis batalhas em nosso foro interno, etc.

Tudo isso é dor. Nada disso pode trazer verdadeiro contentamento ao coração aflito. Tudo isso produz aumento de crueldade em nossa psique, multiplicação da dor, descontentamento cada vez mais e mais profundo.

O eu pluralizado sempre encontra justificativas até para os piores delitos e a esse processo de invejar, adquirir, acumular, conseguir, ainda que seja às custas do trabalho alheio, chama de evolução, progresso, avanço, etc.

As pessoas têm a consciência adormecida e não se dão conta de que são invejosas, cruéis, cobiçosas e ciumentas.

Quando, por algum motivo, chegam a se dar conta de tudo isto, terminam se justificando, buscando evasivas, condenando, mas não compreendem.

A inveja é difícil de ser descoberta, devido ao fato concreto de que a mente humana é invejosa. A estrutura da mente se baseia na inveja e na aquisição.

A inveja começa nos bancos escolares. Invejamos a maior inteligência dos nossos condiscípulos, as melhores notas, as melhores roupas, os melhores vestidos, os melhores sapatos, a melhor bicicleta, os bonitos patins, a atraente bola, etc.

Os professores e professoras chamados a formar a personalidade dos alunos e alunas precisam compreender o que são os infinitos processos da inveja e estabelecer dentro da psique de seus estudantes o cimento adequado para a compreensão.

A mente, invejosa por natureza, só pensa em função do mais. Eu posso explicar melhor, eu tenho mais conhecimentos, eu sou mais inteligente, eu tenho mais virtudes, sou mais santo, tenho mais perfeições, mais evolução, etc.

Todo o funcionamento da mente se baseia no mais. O mais é a mola íntima e secreta da inveja.

O mais é o processo comparativo da mente. Todo processo comparativo é abominável. Exemplo: Eu sou mais inteligente do que você. Fulano de tal é mais virtuoso do que você. Fulano de tal é melhor que você, mais sábio, mais bondoso, mais bonito, etc.

O mais cria o tempo. O eu pluralizado precisa de tempo para ser melhor que o vizinho; para mostrar à família que é genial e que pode chegar a ser alguém na vida, para mostrar aos seus inimigos ou àqueles que inveja que é mais inteligente, mais poderoso, mais forte, etc.

O pensamento comparativo baseia-se na inveja e produz isso que se chama descontentamento, amargura, desassossego...

Infelizmente, as pessoas vão de um oposto ao outro, de um extremo ao outro, não sabem caminhar pelo meio. Muitos lutam contra o descontentamento, a inveja, a cobiça, os ciúmes, mas a luta contra o descontentamento não traz jamais o verdadeiro contentamento do coração.

É urgente compreender que o verdadeiro contentamento do coração tranqüilo não se compra nem se vende. Ele só nasce em nós com inteira naturalidade e de forma espontânea quando compreendemos a fundo as próprias causas do descontentamento: ciúmes, inveja, cobiça, etc.

Aqueles que querem conseguir dinheiro, boa posição social, virtudes, satisfações de toda espécie, etc., com o propósito de alcançar o verdadeiro contentamento, estão totalmente equivocados, porque tudo isso se baseia na inveja e o caminho da inveja não pode jamais conduzir ao porto do coração tranqüilo e contente.

A mente engarrafada no eu pluralizado faz da inveja uma virtude e até se dá ao luxo de dar-lhe nomes magníficos: progresso, evolução espiritual, desejo de superação, luta pela dignificação, etc.

Tudo isso produz desintegração, íntimas contradições, lutas secretas, problemas de difícil solução, etc.

É difícil achar na vida alguém que seja verdadeiramente íntegro, no sentido mais completo da palavra.

É totalmente impossível conseguir a integração total enquanto existir dentro de nós mesmos o eu pluralizado.

É urgente compreender que dentro de cada pessoa existem três fatores básicos: O primeiro é a personalidade. O segundo é o eu pluralizado e o terceiro é o material psíquico, isto é, a própria essência da pessoa.

O eu pluralizado gasta estupidamente o material psicológico em explosões atômicas de inveja, ciúmes, cobiça, etc. É necessário dissolver o eu pluralizado com o propósito de acumular dentro o material psíquico para estabelecer em nosso interior um centro permanente de consciência.

Quem não possui um centro permanente de consciência não pode ser íntegro. Só o centro permanente de consciência nos dá verdadeira individualidade. Só o centro permanente de consciência nos faz íntegros.

Capítulo 15 - A SIMPLICIDADE

É urgente, indispensável, desenvolver a compreensão criadora, porque ela traz ao ser humano a verdadeira liberdade de viver. Sem compreensão, é impossível conseguir a autêntica faculdade crítica da análise profunda.

Os professores e professoras de escolas, colégios e universidades devem conduzir seus alunos e alunas pelo caminho da compreensão autocrítica.

Em nosso passado capítulo, estudamos amplamente os processos da inveja e se queremos acabar com todos os matizes dos ciúmes, sejam eles religiosos, passionais, etc., devemos fazer plena consciência do que realmente é a inveja, porque só compreendendo a fundo e de forma íntima os infinitos processos da inveja conseguiremos acabar com os ciúmes de todo tipo.

Os ciúmes destroem os casamentos, destroem as amizades, provocam guerras religiosas, ódios fratricidas, assassinatos e sofrimentos de toda espécie.

A inveja, com todos os seus infinitos matizes, esconde-se atrás de sublimes propósitos. Existe inveja naquele que, tendo sido informado da existência de sublimes santos, mahatmas ou gurus, deseja também chegar a ser santo. Existe inveja no filantropo que se esforça por superar outros filantropos. Existe inveja em todo indivíduo que cobiça virtudes, porque teve informações, porque em sua mente há dados sobre a existência de indivíduos sagrados cheios de virtudes.

O desejo de ser santo, o desejo de ser virtuoso e o desejo de ser grande têm por fundamento a inveja. Os santos com suas virtudes também causaram muitos danos.

Vem-nos à memória o caso de um homem que se considerava muito santo. Em certa ocasião, um poeta faminto e miserável bateu em sua porta para pôr em suas mãos um belo verso, especialmente dedicado ao santo de nosso relato.

O poeta só esperava uma moeda para comprar comida para seu corpo exausto e envelhecido.

Tudo imaginava o poeta menos um insulto. Foi grande a sua surpresa quando o santo, com um olhar piedoso e a testa franzida fechou a porta, dizendo ao infeliz poeta: Fora daqui amigo, passa, passa, não me agradam estas coisas, não gosto de elogios... Não me agradam as vaidades do mundo, esta vida é ilusão... Eu sigo a senda da humildade e da modéstia. O infeliz poeta, que só esperava uma moeda, no lugar dela recebeu o insulto do santo, a palavra que fere, a bofetada. Com o coração dolorido e a lira feita em pedaços, afastou-se pelas ruas da cidade devagarzinho, devagarzinho...

A nova geração deve ser levantada sobre a base da autêntica compreensão, porque esta é totalmente criadora.

A memória e a recordação não são criadoras. A memória é o sepulcro do passado. A memória e a recordação são morte.

A verdadeira compreensão é o fator psicológico da libertação total.

As lembranças da memória jamais poderão nos trazer verdadeira libertação, porque pertencem ao passado, portanto estão mortas.

A compreensão não é coisa do passado, nem do futuro. A compreensão pertence ao momento que estamos vivendo aqui e agora. A memória sempre traz a idéia do passado.

É urgente estudar ciência, filosofia, arte e religião, mas não se deve confiar os estudos à fidelidade da memória, porque ela não é fiel.

É absurdo depositar os conhecimentos no sepulcro da memória. É estúpido enterrar na fossa do passado os conhecimentos que têm de ser compreendidos.

Nós jamais poderíamos nos pronunciar contra o estudo, contra a sabedoria, contra a ciência, porém é incongruente depositar as jóias vivas do conhecimento no corrompido sepulcro da memória.

Faz-se necessário estudar, investigar, analisar, mas devemos meditar profundamente para compreender em todos os níveis da mente.

O homem verdadeiramente simples é profundamente compreensivo e tem mente simples.

O importante na vida não é o que consigamos acumular no sepulcro da memória e sim o que tenhamos compreendido, não só no nível intelectual como também nos distintos terrenos subconscientes e inconscientes da mente.

A ciência e o saber devem se converter em compreensão imediata. Quando o conhecimento e o estudo se transformarem em autêntica compreensão criadora, poderemos compreender todas as coisas de imediato, porque a compreensão torna-se imediata, instantânea.

Na mente do homem simples não existem complicações, porque toda a complicação da mente deve-se à memória. O maquiavélico eu que levamos dentro é memória acumulada.

As experiências da vida devem se transformar em compreensão verdadeira. Quando as experiências não se convertem em compreensão, quando as experiências permanecem na memória, constituem-se na podridão do sepulcro sobre o qual arde a chama fátua e luciférica do intelecto animal.

É preciso que se saiba que o intelecto animal, desprovido totalmente de toda espiritualidade, é tão só a verbalização da memória, a candeia sepulcral ardendo sobre a lousa funeral.

O homem simples tem a mente livre de experiências, porque elas se tornaram consciência, se transformaram em compreensão criadora.

A morte e a vida estão intimamente associadas. Só morrendo o grão, nasce a planta. Só morrendo a experiência, nasce a compreensão. Este é um processo de autêntica transformação.

O homem complicado tem a memória cheia de experiências. Isto demonstra sua falta de compreensão criadora, porque quando as experiências são inteiramente compreendidas em todos os níveis da mente, deixam de existir como experiências e nascem como compreensão.

Primeiro é preciso experimentar, mas não devemos ficar no terreno da experiência, porque então a mente se complica e se torna difícil. É necessário viver a vida intensamente e transformar todas as experiências em autêntica compreensão criadora.

Aqueles que supõem, equivocadamente, que para sermos compreensivos, simples e humildes temos de abandonar o mundo, nos converter em mendicantes, viver em cabanas isoladas e vestir farrapos em vez de roupas elegantes, estão totalmente equivocados.

Muitos anacoretas, muitos ermitãos solitários, muitos mendigos, têm mentes complicadíssimas e difíceis.

É inútil afastar-se do mundo e viver como anacoretas, se a mente está cheia de experiências que condicionam o livre fluir do pensamento.

É inútil viver como ermitão, querendo levar vida de santo, se a memória está repleta de informações que não foram devidamente compreendidas, que não se tornaram consciência nos distintos esconderijos, corredores e regiões inconscientes da mente.

Aqueles que transformam as informações intelectuais em verdadeira compreensão criadora, aqueles que transformam as experiências da vida em verdadeira compreensão de fundo, nada têm na memória, vivem de momento a momento, cheios de verdadeira plenitude. Estes se tornaram simples e humildes, ainda que vivam em suntuosas residências e dentro do perímetro da vida urbana.

As crianças pequenas, antes dos sete anos, estão cheias de simplicidade e de verdadeira beleza interior, devido a que só se expressa através delas a vívida essência da vida, em ausência total do eu psicológico.

Precisamos reconquistar a infância perdida em nosso coração e em nossa mente. Temos de reconquistar a inocência, se é que de verdade queremos ser felizes.

As experiências e o estudo transformados em compreensão de fundo não deixam resíduos no sepulcro da memória e então nos tornamos humildes, simples, inocentes e felizes.

A meditação de fundo sobre as experiências e conhecimentos adquiridos, a profunda autocrítica e a psicanálise íntima convertem, transformam tudo em profunda compreensão criadora. Este é o caminho da autêntica felicidade nascida da sabedoria e do amor.

Capítulo 16 - O ASSASSINATO

Matar é evidentemente e fora de toda dúvida o ato mais destrutivo e de maior corrupção que se conhece no mundo.

A pior forma de assassinato consiste na destruição da vida de nossos semelhantes.

Espantosamente horrível é o caçador que com a sua escopeta assassina as inocentes criaturas do bosque, mas mil vezes mais monstruoso, mil vezes mais abominável é aquele que assassina aos seus semelhantes.

Não só se mata com metralhadoras, escopetas, canhões, pistolas, bombas atômicas, etc., como também se pode matar com o olhar que fere o coração, com o olhar humilhante, cheio de desprezo, cheio de ódio.. Pode-se também matar com uma ação ingrata, com uma ação negra, com um insulto ou com uma palavra que fere.

O mundo está cheio de parricidas, matricidas ingratos, que assassinaram seus pais e mães, seja com seus olhares, seja com suas palavras ou com suas cruéis ações.

O mundo está cheio de homens que sem o saber assassinaram suas mulheres e de mulheres que sem o saber assassinaram seus maridos.

Para o cúmulo da desgraça, neste mundo cruel em que vivemos, o ser humano mata o que mais ama.

Não só de pão vive o homem, mas também de diferentes fatores psicológicos.

São muitos os maridos que poderiam ter vivido mais se suas esposas o tivessem permitido.

São muitas as esposas que poderiam ter vivido mais se seus maridos o tivessem permitido

São muitos os pais e mães de família que poderiam ter vivido mais se seus filhos e filhas o tivessem permitido.

A enfermidade que leva nosso querido parente à sepultura tem por causa causorum palavras que matam, olhares que ferem, ações ingratas, etc.

Esta sociedade caduca e degenerada está cheia de assassinos inconscientes que se julgam inocentes.

As prisões estão cheias de assassinos, mas a pior espécie de criminoso se julga inocente e anda livre.

Nenhuma forma de assassinato pode ter alguma justificativa. Com o ato de matar alguém não se resolve nenhum problema na vida.

As guerras jamais resolveram problema algum. Bombardeando-se cidades indefesas e assassinando-se milhões de pessoas não se resolve nada.

A guerra é algo demasiado rude, tosco, monstruoso, abominável. Milhões de máquinas humanas adormecidas, inconscientes, estúpidas, lançam-se à guerra com o propósito de destruir a outros tantos de milhões de máquinas humanas inconscientes.

Muitas vezes, basta uma catástrofe planetária no cosmos ou uma péssima posição dos astros no céu para que milhões de homens se lancem à guerra.

As máquinas humanas não têm consciência de nada e movem-se de forma destrutiva quando certo tipo de ondas cósmicas as atinge secretamente.

Se as pessoas despertassem a consciência, se desde os bancos escolares os alunos e alunas fossem educados sabiamente, levando-os à compreensão consciente do que é a inimizade e a guerra, outro galo cantaria, ninguém se lançaria à guerra e as ondas catastróficas do cosmos seriam usadas de forma diferente.

A guerra cheira a canibalismo, a vida das cavernas, a bestialidade do pior tipo, a arco, flecha e lança, a orgia de sangue... A todas as luzes é incompatível com a civilização.

Todos os homens na guerra são covardes, medrosos. Os heróis carregados de medalhas são precisamente os mais covardes, os mais medrosos.

O suicida também parece ser muito valente, mas é um covarde porque teve medo da vida.

O herói no fundo é um suicida; num instante de supremo terror cometeu a loucura do suicida.

A loucura do suicida confunde-se facilmente com a coragem do herói.

Se observarmos cuidadosamente a conduta do soldado durante a guerra, suas maneiras, seu olhar, suas palavras, seus passos na batalha, poderemos evidenciar a sua covardia total.

Os professores e professoras de escolas, colégios e universidades devem ensinar aos seus alunos e alunas a verdade sobre a guerra. Devem levar seus alunos e alunas a experimentar conscientemente essa verdade.

Se as pessoas tivessem plena consciência do que é esta tremenda verdade da guerra, se os professores e professoras soubessem educar sabiamente seus discípulos e discípulas, nenhum cidadão se deixaria levar para o matadouro.

A EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL deve ser ensinada agora mesmo em todas as escolas, colégios e universidades porque é precisamente a partir dos bancos escolares que se começa a trabalhar pela paz.

É urgente que as novas gerações se façam plenamente conscientes do que é a barbárie e do que é a guerra.

A inimizade e a guerra devem ser compreendidas em todos seus aspectos nas escolas, colégios e universidades.

As novas gerações devem compreender que os velhos com suas idéias rançosas e estúpidas sacrificam sempre os jovens, levando-os como bois ao matadouro.

Os jovens não devem se deixar convencer pela propaganda belicosa nem pelas razões dos velhos, porque a uma razão se opõe outra razão e a uma opinião se opõe outra e nem razões nem opiniões são a verdade sobre a guerra.

Os velhos têm milhares de razões para justificar a guerra e levar os jovens ao matadouro.

O importante não são os argumentos sobre a guerra, mas experimentar a verdade do que é a guerra. Nós não nos pronunciamos contra a razão nem contra a análise, apenas queremos dizer que primeiro devemos experimentar a verdade sobre a guerra e depois sim dar-nos ao luxo de raciocinar e analisar.

É impossível experimentar a verdade do NÃO MATAR se excluirmos a meditação íntima profunda.

Somente a meditação profunda pode nos levar a experimentar a verdade sobre a guerra.

Os professores e professoras não devem dar só informação intelectual a seus alunos e alunas. Os professores devem ensinar seus estudantes a manejar a mente, a experimentar a verdade.

Esta raça caduca e degenerada já não pensa senão em matar. Isto de matar e matar só é próprio de uma raça humana degenerada.

Através da televisão e do cinema, os agentes do delito propagam suas idéias criminosas.

Os meninos e meninas da nova geração recebem diariamente através do vídeo da televisão, das histórias infantis, do cinema, das revistas, etc., uma boa e venenosa dose de assassinatos, tiroteios, crimes espantosos, etc.

Não se consegue ligar a televisão sem se topar com palavras cheias de ódio, com balaços, perversidade, etc.

Os governos da Terra nada estão fazendo contra a propagação do delito. As mentes das crianças e dos jovens estão sendo conduzidas pelos agentes do delito para o caminho do crime.

A idéia de matar já está tão propagada, já está tão difundida por meio dos filmes, novelas, etc., que já se tornou totalmente familiar para todo mundo. Os rebeldes da nova onda foram educados para o crime e matam pelo prazer de matar, gozam vendo os outros morrer. Assim aprenderam na televisão em casa, no cinema, nas novelas, nas revistas, etc.

Por todas as partes reina o delito e os governos nada fazem para corrigir o instinto de matar a partir de suas próprias raízes.

Cabe aos professores e professoras de escolas, colégios e universidades dar o grito de alerta e revolver céus e terra para corrigir esta epidemia mental.

Torna-se urgente que os professores e professoras de escolas, colégios e universidades dêem o brado de alerta e peçam a todos os governos da Terra a censura para o cinema, a televisão, etc.

O crime está se multiplicando terrivelmente, devido a todos esses espetáculos de sangue, e desse jeito chegará o dia em que ninguém poderá circular livremente pelas ruas sem medo de ser assassinado.

O rádio, o cinema, a televisão, as revistas sangrentas fizeram tanta propaganda do delito de matar, o tornaram tão agradável às mentes débeis e degeneradas que ninguém mais sente remorso ao meter um balaço ou uma punhalada em outra pessoa.

À força de tanta propaganda do delito de matar, as mentes débeis se familiarizaram demasiado com o crime e agora até se dão ao luxo de matar para imitar o que viram no cinema ou na televisão.

Os professores e professoras, que são os educadores do povo, estão obrigados, em cumprimento de seu dever, a lutar pelas novas gerações, pedindo aos governos da Terra a proibição dos espetáculos de sangue, enfim o cancelamento de todo tipo de filmes sobre ladrões, assassinatos, etc.

A luta dos professores e professoras deve se estender também às touradas e ao boxe.

O toureiro é o tipo mais covarde e criminoso. O toureiro quer todas as vantagens para si e mata para divertir o público.

O tipo do boxeador é o do monstro assassino que de forma sádica fere e mata para divertir o público.

Este tipo de espetáculos são cem por cento bárbaros e estimulam as mentes encaminhando-as para o caminho do crime. Se queremos de verdade lutar pela paz do mundo, devemos começar uma campanha de fundo contra os espetáculos de sangue.

Enquanto existirem dentro da mente humana os fatores destrutivos, haverá guerras inevitavelmente.

Dentro da mente humana estão os fatores que causam a guerra. Estes fatores são o ódio, a violência em todos os seus aspectos, o egoísmo, a ira, o medo, os instintos criminais, as idéias belicosas propagadas pela televisão, pelo rádio, pelo cinema, etc.

A propaganda pela paz, os prêmios Nobel da paz, resultam absurdos, pois os fatores psicológicos que causam as guerras continuam existindo dentro do homem.

Atualmente, muitos assassinos já receberam o prêmio Nobel da Paz.

Capítulo 17 - A PAZ

A paz não pode vir através da mente porque não é da mente. A paz é o delicioso perfume do coração tranqüilo.

A paz não é coisa de projetos, polícia internacional, ONU, OEA, tratados internacionais ou de exércitos invasores que lutam em nome da paz.

Se realmente queremos paz verdadeira, devemos aprender a viver como a sentinela em tempo de guerra, sempre alerta e vigilante, com a mente pronta e flexível, porque a paz não é questão de fantasias românticas ou de sonhos bonitos.

Se não aprendemos a viver em estado de alerta de momento a momento, o caminho que conduz à paz torna-se impossível, estreito, e depois de tornar-se extremamente difícil vai desembocar por fim num beco sem saída.

É preciso compreender, é urgente saber, que a paz autêntica do coração tranqüilo não é uma casa onde podemos chegar e onde nos aguarda alegre uma bela mulher. A paz não é uma meta, um lugar, etc. Perseguir a paz, buscá-la, fazer projetos sobre ela, lutar em nome dela, fazer propaganda sobre ela, fundar organismos para trabalhar por ela, etc., é totalmente absurdo porque a paz não é da mente, a paz é o maravilhoso perfume do coração tranqüilo.

A paz não se compra nem se vende. A paz não se pode conseguir com sistemas de apaziguamentos, com controles especiais, polícias, etc.

Em alguns países, o exército nacional anda pelos campos destruindo povoados, assassinando gente e fuzilando supostos bandidos. Dizem que tudo isso é em nome da paz. O resultado de semelhante procedimento é a multiplicação da barbárie.

A violência gera mais violência, o ódio produz mais ódio. Não se pode conquistar a paz. A paz não pode ser o resultado da violência. A paz só vem a nós quando dissolvemos o eu, quando destruímos dentro de nós mesmos todos os fatores psicológicos que causam a guerra.

Se queremos paz, temos que contemplar, temos que estudar, temos que ver o quadro total e não unicamente um lado dele.

A paz nasce em nós quando mudamos radicalmente, de forma íntima.

A questão de controles, de organismos pró paz, pacificações, etc., são detalhes isolados, pontos no oceano da vida, frações ilhadas do quadro total da existência, que jamais poderão resolver o problema da paz em forma radical, total e definitiva.

Devemos olhar o quadro em sua forma completa. O problema do mundo é o problema do indivíduo. Se o indivíduo não tem paz em seu interior, a sociedade, o mundo, viverá inevitavelmente em guerra.

Os professores e professoras de escolas, colégios e universidades devem trabalhar pela paz, a menos que amem a barbárie e a violência.

É urgente, indispensável, assinalar aos alunos e alunas da nova geração o roteiro a seguir, o caminho íntimo que pode conduzir com inteira exatidão à paz autêntica do coração tranqüilo.

As pessoas não sabem compreender realmente o que é a verdadeira paz interior e só querem que ninguém atravesse o seu caminho, que não sejam estorvadas, que não sejam molestadas, ainda que tomem por sua própria conta e risco o direito de estorvar, molestar e amargurar a vida de seus semelhantes.

As pessoas jamais experimentaram a paz verdadeira e só têm sobre ela opiniões absurdas, idéias românticas e conceitos equivocados.

Para os ladrões, a paz seria poder roubar impunemente, sem que a polícia atravessasse seu caminho. Para os contrabandistas, a paz seria poder meter seu contrabando em todas as partes sem que as autoridades os impedissem.

Para os exploradores do povo, a paz seria poder vender bem caro, explorando à esquerda e à direita sem que os fiscais do governo os proibissem. Para as prostitutas, a paz seria poder gozar em seus leitos de prazer e explorar todos os homens livremente sem que os fiscais da saúde e da higiene interviessem por motivo algum em suas vidas.

Cada um forma em sua mente cinqüenta mil fantasias absurdas sobre a paz. Cada um quer erguer ao seu redor um muro egoísta de falsas idéias, crenças, opiniões e absurdos conceitos sobre o que é a paz.

Cada um quer paz a seu modo, de acordo com seus caprichos, com seus gostos, seus hábitos, costumes equivocados, etc. Cada um quer se auto-encerrar dentro de um muro protetor fantástico, com o propósito de viver sua própria paz concebida equivocadamente.

As pessoas lutam pela paz, desejam-na, querem-na, porém não sabem que coisa é a paz.

As pessoas só querem não ser estorvadas, poder fazer cada suas diabruras bem tranqüilamente e a sua maneira. Isto é o que chamam paz.

Não importa que diabruras façam as pessoas, cada um julga que o que faz é bom. As pessoas encontram justificativas até para os piores delitos. Se o bêbado está triste, bebe porque está triste. Se está alegre, bebe porque está alegre. O bêbado sempre justifica o vício do álcool. Assim são todas as pessoas: para todo delito sempre encontram uma justificativa. Ninguém se considera perverso, todos se presumem de justos e honrados.

Existem muitos vagabundos que supõem equivocadamente que paz é poder viver sem trabalhar, viver tranqüilo e sem esforço algum, num mundo cheio de fantasias românticas maravilhosas. Sobre a paz existem milhões de opiniões e conceitos equivocados. Neste doloroso mundo em que vivemos, cada um busca sua fantástica paz, a paz de suas opiniões. As pessoas querem ver no mundo a paz de seus sonhos, seu tipo especial de paz, ainda que dentro de si mesmas carreguem em seu interior os fatores psicológicos que produzem guerras, inimizades e problemas de todo tipo.

Por estes tempos de crise mundial, todo aquele que quer se tornar famoso funda organizações pró paz, faz propaganda e se converte num paladino da paz. Não devemos esquecer que muitos políticos espertos ganharam o prêmio Nobel da

Paz, ainda que tenham por sua conta todo um cemitério, que de uma ou de outra forma mandaram assassinar secretamente muitas pessoas, quando se viram em perigo de ser eclipsados. Há também verdadeiros Mestres da humanidade que se sacrificaram ensinando em todos os lugares da Terra a doutrina da dissolução do eu.

Esses Mestres sabem por experiência própria que só dissolvendo o Mefistófeles que levamos dentro, vem a nós a paz do coração.

Enquanto existir dentro de cada indivíduo o ódio, a cobiça, a inveja, os ciúmes, o espírito de aquisição, a ira, o orgulho, etc., haverá guerras inevitavelmente.

Conhecemos muita gente no mundo que presume ter encontrado a paz.

Quando estudamos a fundo essas pessoas, podemos evidenciar que nem remotamente conhecem a paz e que apenas se encerraram dentro de algum hábito solitário e consolador, ou dentro de alguma crença especial. Porém, na realidade, tais pessoas não experimentaram nem remotamente o que é a verdadeira paz do coração tranqüilo. Realmente, essa pobre gente só fabricou uma paz artificial que em sua ignorância confundem com a autêntica paz do coração.

É absurdo buscar a paz dentro dos muros equivocados de nossos preconceitos, crenças, desejos, idéias preconcebidas, hábitos, etc.

Enquanto existir dentro da mente os fatores psicológicos que causam as inimizades, dissensões, problemas, guerras, etc., não haverá paz verdadeira.

A autêntica paz vem da legítima beleza sabiamente compreendida.

A beleza do coração tranqüilo exala o perfume delicioso da verdadeira paz interior.

É urgente que se compreenda a beleza da amizade e o perfume da cortesia.

É urgente que se compreenda a beleza da linguagem. É preciso que nossas palavras levem em si mesmas a substância da sinceridade. Não devemos usar jamais palavras arrítmicas, desarmônicas, grosseiras e absurdas.

Cada palavra deve ser uma verdadeira sinfonia, cada frase deve estar cheia de beleza espiritual. É tão mau falar quando se deve calar quanto calar quando se deve falar. Há silêncios delituosos e há palavras infames.

Há vezes que falar é um delito e há vezes que calar também é um delito. Devemos falar na hora de falar e calar na hora de calar.

Não brinquemos com a palavra porque ela é de grande responsabilidade.

Toda palavra deve ser pesada antes de ser articulada porque cada palavra pode produzir no mundo muito de útil e muito de inútil, muito benefício e muito dano.

Precisamos cuidar de nossos gestos, modos, vestuário e atos de todo tipo. Que nossos gestos, que nosso vestuário, nossa maneira de sentar à mesa, nossa maneira de nos comportar ao comer, nossa forma de atender às pessoas na sala de aula, no escritório, na rua, etc., estejam sempre cheios de beleza e harmonia.

É necessário compreender a beleza da bondade, sentir a beleza da boa música, amar a beleza da arte criativa e refinar a nossa maneira de pensar, sentir e atuar.

A suprema beleza só poderá nascer em nós quando o eu estiver morto de forma radical, total e definitiva.

Nós seremos feios, horríveis e asquerosos enquanto tivermos em nós e bem vivo o Eu Psicológico. A beleza de forma integral é impossível em nós enquanto O Eu Psicológico existir.

Se queremos a paz autêntica, devemos reduzir o eu a poeira cósmica. Só assim haverá em nós beleza interior. Dessa beleza nascerá em nós o encanto do amor e a verdadeira paz do coração tranqüilo.

A paz criadora traz ordem para dentro de alguém, elimina a confusão e nos enche de legítima felicidade.

É necessário saber que a mente não pode compreender o que é a verdadeira paz. É urgente entender que a paz do coração tranqüilo não chega a nós através do esforço ou pelo fato de se pertencer a alguma sociedade ou organização dedicada a fazer propaganda da paz.

A paz autêntica advém a nós de forma totalmente natural e simples, quando reconquistamos a inocência da mente e do coração, quando nos tornamos como crianças, delicados, belos, sensíveis a tudo que é bonito e a tudo que é feio, a tudo que é bom como a tudo que é mau, a tudo o que é doce e a tudo que é amargo.

É preciso reconquistar a infância perdida tanto na mente como no coração.

A paz é algo imenso, extenso, infinito. Ela não é alguma coisa criada pela mente, não pode ser o resultado de um capricho nem produto de uma idéia. A paz é uma substância atômica que está além do bem e do mal, uma substância que está além de toda moral, uma substância emanada das próprias entranhas do Absoluto.

Capítulo 18 - A VERDADE

A via crucis da nossa miserável existência começa na infância e na juventude, com muitas torções mentais, tragédias íntimas em família, contrariedades no lar e na escola, etc.

É claro que na infância e na juventude, salvo raras exceções, todos estes problemas não chegam a nos afetar de forma realmente profunda; porém, quando nos tornamos pessoas adultas, começam as interrogações: Quem sou? De onde venho? Por que tenho de sofrer?

Qual é o objetivo desta existência? Etc., etc., etc.

No caminho da vida, todos nós fizemos estas perguntas. Todos nós alguma vez quisemos investigar, inquirir ou conhecer o porquê de tantas amarguras, dissabores, lutas e sofrimentos, mas infelizmente sempre terminamos engarrafados em alguma teoria, em alguma opinião, em alguma crença, no que nos falou o vizinho, no que nos respondeu algum velho decrépito, etc. Perdemos a verdadeira inocência e a paz do coração tranqüilo. Por isso, não somos capazes de experimentar diretamente a verdade em sua forma mais crua. Dependemos do que os outros dizem e é claro que vamos pelo caminho equivocado.

A sociedade capitalista condena radicalmente os ateus, os que não crêem em Deus.

A sociedade marxista-leninista condena os que acreditam em Deus. Mas, no fundo, as duas são a mesma coisa, questão de opiniões, caprichos das pessoas, projeções da mente. Nem a credulidade, nem a incredulidade, nem o ceticismo significam haver experimentado a Verdade.

A mente pode se dar ao luxo de acreditar, duvidar, opinar, fazer conjecturas, etc., mas isso não é experimentar a Verdade.

Também podemos nos dar ao luxo de crer no sol, ou de não crer nele, e até de duvidar dele, mas o astro rei seguirá dando luz e vida a todo o existente, sem que nossas opiniões tenham a menor importância para ele.

Por trás da crença cega, por trás da incredulidade e do ceticismo, escondem-se muitos matizes de falsa moral e muitos conceitos equivocados de falsa respeitabilidade à cuja sombra o Eu se fortalece.

A sociedade capitalista e a sociedade comunista têm, cada uma ao seu modo e de acordo com seus caprichos, preconceitos e teorias, seu tipo especial de moral. O que é moral dentro do bloco capitalista é imoral dentro do bloco comunista e vice-versa.

A moral depende dos costumes, do lugar e da época. O que num país é moral em outro é imoral, e o que em uma época foi moral em outra época é imoral. A moral não tem valor essencial algum. Analisada a fundo, vê-se que é cem por cento estúpida.

A Educação Fundamental não ensina moral. A Educação Fundamental ensina uma ética revolucionária e é disso que necessitam as novas gerações.

Desde a noite aterradora dos séculos, em todos os tempos, sempre houve homens que se afastaram do mundo para buscar a Verdade.

É absurdo afastar-se do mundo para buscar a Verdade porque ela se encontra dentro do mundo e dentro do homem, aqui e agora.

A Verdade é o desconhecido de momento a momento, e não é separando-nos do mundo nem abandonando nossos semelhantes como poderemos descobri-la.

É absurdo dizer que toda Verdade é meia verdade, ou que toda verdade é meio erro.

A Verdade é radical. Ela é ou não é. Ela jamais pode ser pela metade, jamais pode ser meio erro.

E absurdo dizer que a Verdade é do tempo e o que em um tempo foi, em outro tempo não o é.

A Verdade nada tem que ver com o tempo. A Verdade é atemporal. O Eu é do tempo, e por isso não pode conhecer a Verdade.

É absurdo supor verdades convencionais, temporais ou relativas. As pessoas confundem os conceitos e opiniões com isso que é a Verdade.

A Verdade nada tem que ver com as opiniões, nem com as assim chamadas verdades convencionais, porque estas são unicamente projeções intranscendentes da mente.

A Verdade é o desconhecido de momento a momento, e só pode ser experimentada na ausência do Eu Psicológico.

A Verdade não é questão de sofismas, conceitos ou opiniões. A Verdade só pode ser conhecida através da experiência direta.

A mente só pode opinar e as opiniões nada tem que ver com a Verdade.

A mente jamais pode conceber a Verdade.

Os professores e professoras de escolas, colégios e universidades devem experimentar a Verdade e apontar o caminho aos seus discípulos e discípulas.

A Verdade é questão de experiência direta, e não questão de teorias, opiniões ou conceitos.

Podemos e devemos estudar, mas é urgente experimentar por nós mesmos e de forma direta o que há de verdade em cada teoria, conceito, opinião, etc., etc.

Devemos estudar, analisar, inquirir, mas também precisamos com urgência improrrogável experimentar a Verdade contida em tudo aquilo que estudamos.

É impossível experimentar a Verdade enquanto a mente se encontra agitada, convulsionada ou atormentada por opiniões contraditórias.

Só é possível se experimentar a Verdade quando a mente está quieta, quando a mente está em silêncio.

Os professores e professoras de escolas, colégios e universidades devem ensinar a alunos e alunas o caminho da meditação interior profunda.

O caminho da meditação interior profunda nos conduz até a quietude e silêncio da mente.

Quando a mente está quieta, vazia de pensamentos, desejos, opiniões, etc., quando a mente está em silêncio, advém a nós a Verdade.

Capítulo 19 - A INTELIGÊNCIA

Temos visto que muitos professores e professoras de História Universal no ocidente do mundo costumam zombar de Buda, Confúcio, Maomé, Hermes, Quetzalcoatl, Moisés, Krishna, etc. Fora de toda dúvida, também pudemos comprovar até a saciedade o sarcasmo, o gracejo e a ironia jogada pelos professores e professoras contra as religiões antigas, contra os deuses e contra a mitologia. Tudo isso é precisamente falta de inteligência.

Nas escolas, colégios e universidades, deveria se tratar os temas religiosos com mais respeito, com alto sentido de veneração e com verdadeira inteligência criadora.

As formas religiosas conservam os valores eternos e estão organizadas de acordo com as necessidades psicológicas e históricas de cada povo e de cada raça.

Todas as religiões têm os mesmos princípios, os mesmos valores eternos, e só se diferenciam na forma.

Não é inteligente que um cristão zombe da religião do Buda, da religião Hebraica, ou Hindu, porque todas as religiões descansam sobre as mesmas bases.

As sátiras de muitos intelectuais contra as religiões e seus fundadores são devidas ao veneno marxista, que nesta época está intoxicando todas as mentes fracas.

Os professores e professoras de escolas, colégios e universidades, devem orientar seus alunos e alunas pelo caminho do verdadeiro respeito aos nossos semelhantes.

De qualquer ponto de vista, é perverso e indigno o rufião que, em nome de uma teoria qualquer, zomba dos templos religiosos, das seitas, escolas ou sociedades espirituais,

Ao saírem das aulas de estudo, os estudantes têm de conviver com pessoas de todas as religiões, escolas e seitas e não é inteligente que sequer saibam manter a devida compostura em um templo.

Ao sair da escola, depois de dez ou quinze anos de estudos, os rapazes e as moças estão tão lerdos e adormecidos como os demais seres humanos, tão cheios de vacuidade e faltos de inteligência como no primeiro dia em que ingressaram na escola.

É urgente que os estudos, entre outras coisas, desenvolvam o centro emocional, porque nem tudo é intelecto. É necessário aprender a sentir as íntimas harmonias da vida, a beleza da árvore solitária, o canto de um passarinho no bosque, a sinfonia de música e cores de um belo pôr do sol.

Também é necessário sentir e compreender profundamente todos os horríveis contrastes da vida, como a cruel e impiedosa ordem social desta época em que vivemos; ruas cheias de mãos infelizes que mendigam um pedaço de pão com seus filhos desnutridos e famintos, os feios edifícios onde vivem milhares de famílias pobres, as estradas repugnantes por onde circulam milhares de carros impelidos por combustíveis que prejudicam os organismos, etc.

Depois de abandonar as aulas, o estudante tem de se defrontar não só com o seu próprio egoísmo e os seus próprios problemas, mas também com o egoísmo de todas as pessoas e os múltiplos problemas da sociedade humana.

O mais grave de tudo é que o estudante que terminou a escola, ainda que tenha preparo intelectual, não tem inteligência, pois sua consciência está adormecida. Está deficientemente preparado para a luta com a vida.

Chegou a hora de investigar e de descobrir o que é isso que se chama Inteligência. O dicionário e a enciclopédia são impotentes para definir seriamente a Inteligência.

Sem inteligência, jamais poderia haver transformação radical, nem felicidade verdadeira; é bem raro na vida encontrar pessoas verdadeiramente inteligentes.

O importante na vida não é somente conhecer a palavra Inteligência, mas sim experimentar em nós mesmo seu profundo significado.

São muitos os que se julgam inteligentes; não há bêbado que não se julgue inteligente. Karl Marx julgando-se muito inteligente escreveu sua farsa materialista, a qual custou ao mundo a perda dos valores eternos, o fuzilamento de milhares de sacerdotes das mais diferentes religiões, a violação de monjas budistas e cristãs, a destruição de muitos templos, a tortura de milhares e milhões de pessoas, etc.

Qualquer um pode se julgar inteligente, o difícil é sê-lo verdadeiramente.

Não é adquirindo mais informação livresca, mais conhecimentos, mais experiências, mais coisas para deslumbrar as pessoas, mais dinheiro para comprar juizes e policiais, etc., que se vai conseguir isso que se chama Inteligência.

Não é com o mais que se pode chegar a ter Inteligência. Equivocam-se redondamente aqueles que supõem que a Inteligência pode ser conquistada com o processo do mais.

É urgente compreender a fundo, e em todos os terrenos da mente subconsciente e inconsciente, o que é esse pernicioso processo do mais porque no fundo se oculta muito secretamente o querido Ego, o Eu, o Mim Mesmo; que deseja e sempre quer mais e mais, para engordar e se robustecer. O Mefistófeles que levamos por dentro, o Satã, o Eu, diz: “Eu tenho mais dinheiro, mais beleza, mais inteligência, mais prestígio, mais astúcia”, etc., etc., etc.

Quem quiser de verdade compreender o que é a Inteligência, terá de aprender a senti-la, deve vivenciá-la e experimentá-la através da meditação profunda.

Tudo o que as pessoas acumulam no sepulcro podre da memória infiel, informação intelectual, experiências da vida, se traduz sempre fatalmente em termos de mais e mais. De maneira que nunca chegam a conhecer o profundo significado de tudo isso que acumulam.

Muitos lêem um livro e depois o depositam na memória satisfeitos por terem acumulado mais informação, mas quando são chamados a responder pela doutrina escrita no livro que leram, demonstram que desconhecem o profundo significado do ensinamento. No entanto, o Eu quer mais e mais informação, mais e mais livros, ainda que não tenha vivenciado a doutrina de nenhum deles.

Não se consegue inteligência com mais informação livresca, com mais experiência, com mais dinheiro nem com mais prestígio. A inteligência poderá florescer em nós quando compreendermos todo o processo do Eu, quando entendermos a fundo todo esse automatismo psicológico do mais.

É indispensável compreender que a mente é o centro básico do mais. Realmente, esse mais é o próprio Eu Psicológico que exige, e a mente é o seu núcleo fundamental.

Quem quiser ser inteligente de verdade, deve resolver-se a morrer, não somente no nível intelectual superficial como também em todos os terrenos ,subconscientes e inconscientes da mente.

Quando o Eu morre, quando o Eu se dissolve totalmente, a única coisa que fica dentro de nós é o Ser autêntico, o Ser verdadeiro, a legítima inteligência tão cobiçada e tão difícil.

As pessoas julgam que a mente é criadora. Estão equivocadas, o Eu não é criador e a mente é o núcleo básico do Eu.

A inteligência é criadora porque ela é do Ser, ela é um atributo do Ser.

Não devemos confundir a mente com a inteligência.

Estão equivocados plenamente e de forma radical aqueles que supõem que a inteligência é algo que pode ser cultivado como uma flor de jardim ou como algo que se possa comprar, como se comprem títulos de nobreza, ou ainda possuindo uma formidável biblioteca.

É preciso compreender profundamente todos os processos da mente, todas as reações, esse mais psicológico que acumula, etc. Só assim brotará em nós, de forma natural e espontânea, a ardente labareda da inteligência.

Conforme o Mefistófeles que levamos dentro for se dissolvendo, o fogo da inteligência criadora irá se manifestando pouco a pouco até resplandecer abrasadoramente.

Nosso verdadeiro Ser é amor e desse amor nasce a autêntica e legítima inteligência, que não é do tempo

Capítulo 20 - A VOCAÇÃO

Com exceção das pessoas totalmente inválidas, todo ser humano tem de servir para alguma coisa na vida. O difícil é saber para o que serve cada indivíduo.

Se há alguma coisa verdadeiramente importante neste mundo, é conhecer a nós mesmos.

Raro é aquele que conhece a si mesmo e, ainda que pareça incrível, é difícil encontrar na vida alguém que tenha desenvolvido o sentido vocacional.

Quando alguém está plenamente convencido do papel que tem de representar na existência, faz de sua vocação um apostolado, uma religião, e se converte de fato e por direito próprio em um apóstolo da humanidade.

Quem conhece sua vocação ou quem chega a descobri-la por si mesmo, passa por uma tremenda mudança. Já não busca o sucesso, pouco lhe interessa o dinheiro, a fama, a gratidão, etc. Seu prazer está na alegria que lhe proporciona o haver respondido a um chamado íntimo, profundo, desconhecido, de sua própria essência interna.

O mais interessante de tudo isso é que o sentido vocacional nada tem que ver com o Eu, pois, ainda que pareça estranho, o Eu se aborrece com a nossa própria vocação, porque ao Eu só apetece suculentas entradas monetárias, posição, fama, etc.

O sentido da vocação é algo que pertence a nossa própria essência interior; é algo muito de dentro, muito profundo, muito íntimo.

O sentido vocacional leva o homem a investir com verdadeiro denodo e verdadeiro desinteresse nas mais tremendas empresas, às custas de todo tipo de sofrimentos e calvários.

Portanto, é apenas normal que o Eu não goste da verdadeira vocação.

O sentido da vocação conduz-nos de fato pela senda do heroísmo legítimo, ainda que tenhamos de suportar estoicamente todo tipo de infâmias, traições e calúnias.

O dia em que um homem possa dizer de verdade: “eu sei quem sou eu é qual é a minha verdadeira vocação”, a partir desse instante começará a viver com verdadeira retidão e amor.

Um homem assim vive em sua obra e sua obra nele.

Realmente, são bem poucos os homens que podem falar assim, com verdadeira sinceridade de coração. Aqueles que falam assim são os seletos, aqueles que têm em grau superlativo o sentido da vocação.

Achar a nossa verdadeira vocação é, fora de toda dúvida, o problema social mais grave, o problema que se encontra na própria base de todos os problemas da sociedade.

Encontrar ou descobrir nossa verdadeira vocação individual equivale de fato a descobrir um tesouro muito precioso.

Quando um cidadão encontra, com toda certeza e fora de toda dúvida, seu verdadeiro e legítimo ofício, torna-se, por este único fato, insubstituível.

Quando nossa vocação corresponde totalmente e de forma absoluta à posição que ocupamos na vida, exercemos nosso trabalho como um verdadeiro apóstolo, sem cobiça alguma e sem desejo de poder.

O trabalho, em vez de produzir em nós cobiça, aborrecimento ou desejo de mudar de profissão, nos traz alegria verdadeira, profunda, íntima, ainda que tenhamos de suportar pacientemente uma dolorosa via crucis.

Pudemos verificar na prática que quando o posto não corresponde à vocação do indivíduo, ele só pensa em função do mais.

O mecanismo do Eu é o mais. Mais dinheiro, mais fama, mais projeção, etc. Então, como é apenas natural, o sujeito costuma se tornar hipócrita, cruel, explorador, impiedoso, intransigente, etc.

Se estudarmos detidamente a burocracia, poderemos comprovar que rara vez na vida o posto corresponde à vocação individual.

Se estudarmos de forma minuciosa as diferentes associações do proletariado, poderemos evidenciar que em bem raras ocasiões o ofício corresponde à vocação individual.

Quando observamos cuidadosamente as classes privilegiadas, sejam elas do leste ou do oeste do mundo, podemos perceber a falta total do sentido vocacional. Os chamados “meninos de bem” agora assaltam à mão armada, violam mulheres indefesas, etc., para matar o tédio. Não tendo encontrado sua posição na vida, andam desorientados e se convertem em rebeldes sem causa, só para variar um pouco.

É espantoso o caótico estado da humanidade nesta época de crise mundial.

Ninguém está contente com seu trabalho, porque a posição não corresponde à vocação.

Chovem pedidos de emprego porque ninguém tem vontade de morrer de fome, mas os pedidos não correspondem à vocação daqueles que solicitam.

Muitos motoristas deveriam ser médicos ou engenheiros. Muitos advogados deveriam ser ministros e muitos ministros deveriam ser alfaiates. Muitos engraxates deveriam ser ministros e muitos ministros deveriam ser engraxates, etc.

As pessoas estão em postos que não lhe correspondem, que nada têm que ver com a sua verdadeira vocação individual. Devido a isso, a máquina social funciona pessimamente. Isto é semelhante a um motor que estivesse estruturado com peças que não lhe correspondem e o resultado tem de ser inevitavelmente o desastre, o fracasso, o absurdo..

Temos podido comprovar plenamente na prática que quando alguém não tem disposição vocacional para ser guia, instrutor religioso, líder político ou diretor de alguma associação espiritualista, científica, filantrópica, literária, etc., só pensa em função do mais e se dedica a fazer projetos e mais projetos com propósitos secretos e inconfessáveis.

É óbvio que quando o posto não corresponde à vocação individual, o resultado é a exploração. Nesta época terrivelmente materialista em que vivemos, o cargo de professor está sendo arbitrariamente ocupado por muitos mercadores que nem remotamente têm vocação para o magistério. O resultado de semelhante infâmia é a exploração, crueldade e falta de verdadeiro amor.

Muitos sujeitos exercem o magistério exclusivamente com o propósito de conseguir dinheiro para pagar seus estudos na faculdade de medicina, de direito ou engenharia, ou ainda porque simplesmente não encontram nada mais para fazer. As vítimas de tal fraude intelectual são os alunos e alunas.

O verdadeiro professor por vocação é muito difícil de ser encontrado hoje em dia, e esta é a melhor sorte que podem chegar a ter os alunos e alunas de escolas, colégios e universidades.

A vocação do professor está sabiamente traduzida na comovente obra de Gabriela Mistral intitulada A ORAÇÃO DA PROFESSORA. Diz a professora do interior, dirigindo-se ao Divino, ao Mestre Secreto:

"Dai-me o amor único de minha escola; que nem a queimadura da beleza seja capaz de roubar minha ternura de todos os instantes! Mestre, torna perdurável o fervor e passageiro o desencanto. Arranca de mim este impuro desejo de mal entendida justiça que ainda me turva, a mesquinha insinuação de protesto que sobe de mim quando me ferem; que não me doa a incompreensão nem me entristeça o esquecimento daqueles que ensinei".

"Dai-me ser mais mãe que as mães, para poder amar e defender como elas o que não é carne de minha carne. Dai-me alcance para fazer de uma de minhas crianças meu verso perfeito e a deixar nela cravado minha mais penetrante melodia, para quando meus lábios não cantarem mais".

"Mostra-me possível teu evangelho em meu tempo, para que não renuncie à batalha de cada dia e de cada hora por ele".

Quem pode medir a maravilhosa influência psíquica de um professor assim inspirado, com tanta ternura, pelo sentido de sua vocação?

O indivíduo encontra sua vocação por um destes três caminhos: 1ª) O auto-descobrimento de uma capacidade especial. 2ª) A visão de uma necessidade urgente. 3ª) A muito rara direção dos pais e professores que descobriram a vocação do aluno ou aluna mediante a observação de suas aptidões.

Muitos indivíduos descobriram sua vocação em determinado momento crítico de sua vida, frente a uma situação séria que reclamava solução imediata.

Gandhi era um advogado qualquer quando, por causa de um atentado contra os direitos dos hindus na África do Sul, cancelou sua passagem de volta para a Índia e ficou para defender a causa de seus compatriotas. Uma necessidade momentânea o encaminhou para a vocação de toda a sua vida.

Os grandes benfeitores da humanidade encontraram sua vocação diante de uma crise situacional que reclamava solução imediata. Recordemos Oliver Cromwell, o pai das liberdades inglesas, Benito Juárez, o forjador do novo México, José de San Martín e Simon Bolívar, os pais da independência sul-americana, etc.

Jesus Cristo, Buda, Maomé, Hermes, Zoroastro, Confúcio, Fu-Ji, etc., foram homens que, em determinado momento da História, souberam compreender sua verdadeira vocação e se sentiram chamados pela voz interior que emana do Íntimo.

A Educação Fundamental está chamada a descobrir por diversos métodos a capacidade latente dos estudantes. Os métodos que a pedagogia extemporânea está utilizando atualmente para descobrir a vocação dos alunos e alunas são fora de toda dúvida cruéis, absurdos e impiedosos. Os questionários vocacionais foram elaborados por mercadores que arbitrariamente ocupam o cargo de professor.

Em alguns países, antes dos cursos preparatórios e vocacionais, os alunos são submetidos a mais horrível crueldade psicológica. Fazem-lhes perguntas sobre matemática, civismo, biologia, etc. O mais cruel destes métodos é o famoso teste psicológico, índice QI, intimamente relacionado com a rapidez mental.

De acordo com o tipo de resposta, o aluno será qualificado e engarrafado em um dos três bacharelatos: 1º-) Física, matemática, etc., 2º-) Ciências biológicas e 3º) Ciências sociais.

Dos físico-matemáticos, saem os engenheiros, os arquitetos, os astrônomos, os aviadores, etc. Das ciências biológicas, saem os farmacêuticos, os enfermeiros, os biólogos, os médicos, etc.

Das ciências sociais, saem os advogados, os literatos, os doutores em filosofia e letras, os administradores de empresas, etc.

O plano de estudo em cada país é diferente e é claro que não é em todos os países que existem estes três bacharelatos. Em muitos países, só existe um bacharelato e terminado este o aluno passa para a universidade. Em alguns países, a capacidade vocacional do estudante não é examinada e ele entra na faculdade com o desejo de formar-se numa profissão para ganhar a vida, mesmo quando ela não coincide com suas tendências inatas, com seu sentido vocacional. Há países em que se examina a capacidade vocacional dos estudantes e há nações em que não se examina. É absurdo não orientar vocacionalmente os estudantes, não examinar suas capacidades e tendências inatas. Os questionários vocacionais são estúpidos, bem como todo esse jargão de perguntas dos testes psicológicos, dos índices de QI, etc.

Esses métodos de exame vocacional não servem porque a mente tem seus momentos de crise e se o exame se verifica num desses momentos, o resultado é o fracasso e a desorientação do estudante.

Os professores já puderam verificar que a mente dos alunos tem, como o mar, suas altas e baixas marés, seu plus e seu minus. Existe um biorritmo nas glândulas masculinas e femininas, assim como existe um biorritmo na mente.

Em determinadas épocas, as glândulas masculinas encontram-se em plus e as femininas em minus ou vice-versa. A mente também tem o seu plus e o seu minus.

Quem quiser conhecer a ciência do biorritmo, aconselhamos que estude a famosa obra intitulada BIORRITMO, escrita pelo eminente sábio gnóstico-rosacruz, o Dr. Arnold Krumm-Heller, médico coronel do exército mexicano e professor de medicina na faculdade de Berlim.

Afirmamos enfaticamente que uma crise emocional ou um estado de nervosismo psíquico, diante da difícil situação de um exame, pode levar um estudante ao fracasso durante o exame vocacional.

Afirmamos que qualquer abuso do centro do movimento, produzido talvez por algum esporte, por uma excessiva caminhada ou por um trabalho físico árduo, pode dar origem a uma crise intelectual, ainda que a mente se encontre em plus e conduzir o estudante ao fracasso durante um exame vocacional.

Afirmamos que uma crise qualquer relacionada com o centro instintivo, talvez em combinação com o prazer sexual ou com o centro emocional, pode levar o estudante ao fracasso durante um exame vocacional.

Afirmamos que uma crise sexual qualquer, uma síncope de sexualidade reprimida ou um abuso sexual, pode exercer uma influência desastrosa sobre a mente e levá-la ao fracasso durante um exame vocacional.

A Educação Fundamental ensina que os germes vocacionais estão depositados não somente no centro intelectual, mas também em cada um dos outros quatro centros da psicofisiologia da máquina orgânica.

É urgente ter em conta os cinco centros psíquicos chamados: intelecto, emoção, movimento, instinto e sexo. É absurdo pensar que o intelecto seja o único centro de cognição. Se examinamos exclusivamente o centro intelectual com o propósito de descobrir as aptidões vocacionais de determinado sujeito, além de cometermos uma grave injustiça, que é de fato muito prejudicial para o indivíduo e para a sociedade, incorremos em um erro, porque os germes da vocação não estão contidos apenas no centro intelectual, mas também em cada um dos outros quatro centros psicofisiológicos do indivíduo.

O único caminho óbvio para se descobrir a verdadeira vocação dos alunos e alunas é o AMOR VERDADEIRO.

Se pais de família e professores se associarem em mútuo acordo para investigar no lar e na escola, para observar detalhadamente os atos dos alunos e das alunas, poderão descobrir as tendências inatas de cada um deles.

Este é o único caminho que permitirá aos pais de família e aos professores descobrir o sentido vocacional dos alunos e alunas.

Isto exige verdadeiro amor de pais e mestres. É óbvio que se não existe verdadeiro amor nos pais e mães de família e autênticos mestres vocacionais, capazes de se sacrificarem de verdade por seus discípulos e discipulas, este empreendimento torna-se impraticável.

Se os governos querem de verdade salvar a sociedade, precisam expulsar os mercadores do templo com o látigo da vontade.

Uma nova época cultural deve ser iniciada difundindo-se por todas as partes a doutrina da Educação Fundamental.

Os estudantes precisam defender seus direitos corajosamente e exigir dos governos verdadeiros professores vocacionais. Felizmente, existe a formidável arma das greves e os estudantes têm esta arma.

Em alguns países, já existem nas escolas, colégios e universidades certos professores orientadores que realmente não são vocacionais, o posto que ocupam não coincide com suas tendências inatas. Esses mestres não podem orientar os outros porque nem a si próprios puderam orientar.

Necessita-se com urgência de verdadeiros mestres vocacionais capazes de orientar inteligentemente os alunos e alunas.

É necessário saber que, devido a pluralidade do Eu, o ser humano representa automaticamente diversos papéis no teatro da vida. Os rapazes e moças têm um papel para a escola, um para as ruas e outro para o lar.

Se queremos descobrir a vocação de um jovem ou de uma jovem, temos de observá-los na escola, no lar e nas ruas.

Este trabalho de observação só pode ser realizado por pais e professores verdadeiros em íntima associação.

Na pedagogia antiquada, existe também o sistema de observação das qualificações para deduzir vocações. O aluno que se distinguiu em civismo com as mais altas notas será classificado como um possível advogado, o que se distinguiu em biologia se o define como um médico em potencial e o que se destacou em matemática como um possível engenheiro, etc.

Este absurdo sistema de se deduzir vocações é demasiado empírico porque a mente tem os seus altos e baixos não só na forma total já conhecida como também em certos estados particulares especiais.

Muitos escritores que na escola foram péssimos estudantes de gramática destacaram na vida como grandes professores de linguagem. Muitos engenheiros notáveis tiveram sempre na escola as piores notas em matemática e infinidade de médicos foram na escola reprovados em biologia e ciências naturais.

É lamentável que muitos pais de família em vez de estudar as aptidões de seus filhos só vejam neles a continuidade de seu querido Ego, Eu Psicológico, o Mim Mesmo.

Muitos pais advogados querem que seus filhos continuem em seu escritório e muitos empresários querem que seus filhos continuem dirigindo seus interesses egoístas sem se interessar no mínimo com o sentido vocacional deles.

O Eu quer sempre subir, chegar ao topo da escada, fazer-se sentir, e quando suas ambições fracassam, buscam alcançar através de seus filhos o que por si mesmos não conseguiram atingir. Esses pais ambiciosos metem seus filhos e suas filhas em postos e carreiras que nada têm que ver com o sentido vocacional deles.

Capítulo 21 - OS TRÊS CÉREBROS

A Psicologia Revolucionária da nova era afirma que a máquina orgânica do animal intelectual falsamente chamado homem existe em forma tricentrada ou tricerebrada.

O primeiro cérebro está encerrado na caixa craniana. O segundo cérebro corresponde concretamente à espinha dorsal com sua medula central e todos os seus ramos nervosos. O terceiro cérebro não reside em um local definido nem é um órgão determinado. Realmente, o terceiro cérebro está constituído pelos plexos nervosos simpáticos e em geral por todos os centros nervosos específicos do organismo humano.

O primeiro cérebro é o centro pensante. O segundo cérebro é o centro do movimento geralmente denominado de centro motor. O terceiro cérebro é o centro emocional.

Está completamente demonstrado na prática que todo abuso do cérebro pensante produz gasto excessivo de energia intelectual. Portanto, é lógico afirmar sem temor de dúvidas que os manicômios são verdadeiros cemitérios de mortos intelectuais.

Os esportes harmoniosos e equilibrados são úteis para o cérebro motor, porém o abuso do esporte significa gasto excessivo de energias motrizes e o resultado costuma ser desastroso.

Não é absurdo afirmar que existem mortos do cérebro motor. Tais mortos são conhecidos como inválidos, hemiplégicos, paraplégicos, paralíticos, etc.

O sentido estético, a mística, o êxtase e a música superior são necessários para o cultivo do centro emocional, porém o abuso de tal cérebro produz o desgaste inútil e o desperdício das energias emocionais. Abusam do cérebro emocional os existencialistas da nova onda, os fanáticos do rock, os pseudo-artistas sensuais da arte moderna, os doentes passionais da sensualidade, etc.

Ainda que pareça incrível, a morte certamente se processa aos terços em cada pessoa. Já está comprovado até a saciedade que toda enfermidade tem sua base em algum dos três cérebros.

A grande lei depositou sabiamente em cada um dos três cérebros do animal intelectual determinado capital de valores vitais. Economizar este capital significa de fato alongar a vida; mal gastar este capital produz a morte.

Arcaicas tradições que chegaram até nós desde a noite aterradora dos séculos afirmam que a média da vida humana no antigo continente Mu, situado no Oceano Pacífico, oscilava entre doze e quinze séculos.

Com o passar dos séculos através de todas as idades, o uso equivocado dos três cérebros foi encurtando a vida pouco a pouco.

No país ensolarado de Kem, lá no velho Egito dos faraós, a média de vida humana alcançava apenas 140 anos.

Atualmente, nestes tempos modernos de gasolina e celulóide, nesta época de existencialismo e de rebeldes do rock, a média da vida humana, segundo algumas companhias de seguros, é de apenas 50 anos.

Os senhores marxistas-leninistas da União Soviética, fanfarrões e mentirosos como sempre, andam dizendo por aí que inventaram soros especiais para alongar a vida, porém o velhinho Krushev ainda não tem oitenta anos e tem de pedir permissão a um pé para levantar o outro. Na Ásia Central existe uma comunidade religiosa composta de anciões que nem se lembram mais de sua juventude. A média de vida desses anciões oscila entre 400 e 500 anos.

Todo o segredo da longa vida desses monges asiáticos consiste no sábio uso dos três cérebros. O funcionamento equilibrado e harmonioso dos três cérebros significa economia dos valores vitais e como consequência lógica vem o prolongamento da vida.

Existe uma lei cósmica conhecida como IGUALAÇÃO DAS VIBRAÇÕES DE MUITAS FONTES. Os monges do citado monastério sabem utilizar esta lei mediante o uso dos três cérebros.

A pedagogia extemporânea conduz os alunos e alunas ao abuso do cérebro pensante e os resultados a psiquiatria já conhece.

O cultivo inteligente dos três cérebros é Educação Fundamental. Nas antigas escolas de Mistérios da Babilônia, Grécia, Índia, Pérsia, Egito, etc., os alunos e alunas recebiam informação integral e direta para os seus três cérebros, mediante o preceito, a dança, a música, etc., inteligentemente combinados.

Os teatros dos tempos antigos formavam parte da escola. O drama, a comédia e a tragédia, combinados com a mímica especial, à música, o ensinamento oral, etc., serviam para dar informação aos três cérebros de cada indivíduo.

Então os estudantes não abusavam do cérebro pensante e sabiam usar com inteligência e de forma equilibrada os seus três cérebros.

As danças dos Mistérios de Elêusis na Grécia, o teatro na Babilônia e a escultura na Grécia foram sempre utilizados para transmitir conhecimentos aos discípulos e discípulas.

Agora, nesta época degenerada do rock, os alunos e alunas, confusos e desorientados, andam pela tenebrosa senda do abuso mental.

Atualmente, não existem verdadeiros sistemas criadores para o harmonioso cultivo dos três cérebros.

Os professores e professoras de escolas, colégios e universidades só se dirigem à memória infiel dos aborrecidos estudantes que esperam com ansiedade a hora de sair da aula.

É urgente, é indispensável, saber combinar intelecto, movimento e emoção com o propósito de levar informação integral aos três cérebros dos estudantes.

É absurdo informar a um só cérebro. O primeiro cérebro não é o único órgão de cognição. É criminoso abusar do cérebro pensante dos alunos e alunas.

A Educação Fundamental deverá conduzir os estudantes pelo caminho do desenvolvimento harmonioso.

A Psicologia Revolucionária ensina claramente que os três cérebros têm três tipos de associações independentes, totalmente distintas. Estes três tipos de associações evocam diferentes impulsos do Ser.

Isto nos dá de fato três personalidades diferentes, que não possuem nada em comum, nem em sua natureza nem em suas manifestações.

A Psicologia Revolucionária da nova era ensina que em cada pessoa existem três aspectos psicológicos diferentes. Com uma parte da essência psíquica desejamos uma coisa, com a outra parte desejamos algo diferente e graças à terceira parte fazemos algo totalmente oposto.

Em um instante de suprema dor, talvez a perda de um ente querido ou qualquer outra catástrofe íntima, a personalidade emocional chega até ao desespero enquanto a personalidade intelectual

se pergunta o porquê de toda essa tragédia e a personalidade do movimento só quer fugir da cena.

Estas três personalidades distintas, diferentes e muitas vezes até contraditórias devem ser inteligentemente cultivadas e instruídas com métodos e sistemas especiais em todas as escolas, colégios e universidades.

Do ponto de vista psicológico, é absurdo educar exclusivamente a personalidade intelectual. O homem tem três personalidades que necessitam urgentemente da Educação Fundamental.

Capítulo 22 - O BEM E O MAL

O bem e o mal não existem. Uma coisa é boa quando nos convém e má quando não nos convém. O bem e o mal são questões de conveniências egoístas e de caprichos da mente.

O homem que inventou os fatídicos termos bem e mal foi um atlante chamado Makari Kronvernkyon, distinto membro da sociedade científica Akaldan, situada no submerso continente atlante.

O velho sábio arcaico jamais suspeitou do grave dano que iria causar à humanidade com o invento de suas duas palavrinhas.

Os sábios atlantes estudaram profundamente todas as forças evolutivas, involutivas e neutras da natureza, mas ocorreu a este velho sábio a idéia de definir as duas primeiras com os termos de bem e mal. Chamou as forças evolutivas de boas e as forças involutivas batizou com o nome de más. Às forças neutras não deu nome algum.

Essas forças manifestam-se dentro do homem e dentro da natureza, sendo a força neutra o ponto de apoio e equilíbrio.

Muitos séculos depois da submersão da Atlântida, com sua famosa Poisedonis, da qual fala Platão em sua “República”, existiu na civilização oriental de Tiklyamishayana um sacerdote antiquíssimo que cometeu o gravíssimo erro de abusar dos termos bem e mal, usando-os estupidamente como base para uma moral. O nome de tal sacerdote era Armanatoora.

Com o transcorrer da história através dos inumeráveis séculos, a humanidade viciou-se nestas duas palavrinhas e as converteu no fundamento de todos os seus códigos morais. Hoje em dia, qualquer um encontra estas duas palavrinhas até na sopa.

Atualmente, há muitos reformadores que querem a restauração moral, mas que, para desgraça deles e deste mundo aflito, têm a mente engarrafada entre o bem e o mal.

Toda moral fundamenta-se nas palavrinhas bem e mal, por isso todo reformador moral é de fato um reacionário.

Os termos bem e mal servem sempre para justificar ou condenar nossos próprios erros.

Quem justifica ou condena, não compreende. É inteligente compreender o desenvolvimento das forças evolutivas, porém não é inteligente justificá-las com o termo boas. É inteligente compreender os processos das forças involutivas, mas é estúpido condená-las com o termo de más.

Toda força centrífuga pode se converter em força centrípeta. Toda força involutiva pode se transformar em evolutiva.

Dentro dos infinitos processos da energia em estado evolutivo há infinitos processos de energia em estado involutivo.

Dentro de cada ser humano existem diferentes tipos de energia que evoluem, involuem e se transformam incessantemente.

Justificar determinado tipo de energia e condenar outro não é compreender. O vital é compreender.

A experiência da verdade tem sido bem rara entre a humanidade, devido ao fato concreto do engarrafamento mental. As pessoas estão engarrafadas nos opostos bem e mal.

A Psicologia Revolucionária do Movimento Gnóstico baseia-se no estudo dos diferentes tipos de energia que operam no organismo humano e na natureza.

O Movimento Gnóstico tem uma ética revolucionária que nada tem que ver com a moral dos reacionários e tampouco com os termos conservadores e retardatários de bem e mal.

Dentro do laboratório psicofisiológico do organismo humano existem forças evolutivas, involutivas e neutras, que devem ser estudadas e compreendidas profundamente.

O termo bem impede a compreensão das energias evolutivas, devido à justificativa.

O termo mal impede a compreensão das forças involutivas, devido à condenação.

Justificar ou condenar não significa compreender. Quem quiser acabar com seus defeitos não deve justificá-los nem condená-los. É urgente compreender nossos erros.

Compreender a ira em todos os níveis da mente é fundamental para que em nós nasça a serenidade e a ternura.

Compreender os infinitos matizes da cobiça é indispensável para que em nós nasça a filantropia e o altruísmo.

Compreender a luxúria em todos os níveis da mente é condição indispensável para que em nós nasça a castidade verdadeira.

Compreender a inveja em todos os terrenos da mente é suficiente para que nasça em nós o sentido de cooperação e a alegria pelo bem-estar e progresso alheios.

Compreender o orgulho em todos os seus matizes e graus é a base para que nasça em nós de forma natural e simples a exótica flor da humildade.

Compreender o que é esse elemento de inércia chamado preguiça, não só em suas formas grotescas, mas também em suas formas mais sutis, é indispensável para que nasça em nós o sentido de atividade.

Compreender as diversas formas da gula e da glotonaria equivale a destruir os vícios do centro instintivo, tais como são os banquetes, as bebedeiras, as caçadas, o carnivorismo, o medo da morte, o desejo de perpetuar o Eu, o temor à aniquilação, etc.

Os mestres de escolas, colégios e universidades dão conselhos aos seus discípulos e discípulas para que melhorem, como se o Eu pudesse melhorar; para que adquiram determinadas virtudes, como se o Eu pudesse conseguir virtudes, etc.

É urgente compreender que o eu não melhora jamais, que nunca será mais perfeito e que quem cobiça virtudes robustece o Eu.

A perfeição total só nasce em nós com a dissolução do Eu. As virtudes nascem em nós de forma natural e simples quando compreendemos nossos defeitos psicológicos, não somente no nível intelectual, mas em todos os terrenos subconscientes e inconscientes da mente.

Querer melhorar é estúpido, desejar a santidade é inveja, cobiçar virtudes significa robustecer o Eu com o veneno da cobiça.

Necessitamos da morte total do Eu, não só no nível intelectual como também em todos os esconderijos, regiões, terrenos e passagens da mente. Quando morremos absolutamente, só fica em nós Isso que é perfeito, Isso que está saturado de virtudes, Isso que é a essência de nosso Ser Íntimo, Isso que não é do tempo.

Só compreendendo a fundo todos os infinitos processos das forças evolutivas que se desenvolvem dentro de nós mesmos aqui e agora, só compreendendo de forma integral os

diferentes aspectos das forças involutivas que se processam dentro de nós mesmos de momento a momento, poderemos dissolver o Eu.

Os termos bem e mal servem para justificar e condenar, porém jamais para dar compreensão. Cada defeito tem muitos matizes, fundos, transfundos e profundidades. Compreender um defeito no nível intelectual não significa havê-lo compreendido nos diversos terrenos subconscientes, inconscientes e infraconscientes da mente.

Qualquer defeito pode desaparecer do nível intelectual e continuar nos outros terrenos da mente. A ira disfarça-se com a toga do juiz. Muitos cobiçam não ser cobiçosos. Há aqueles que não cobiçam dinheiro, mas cobiçam poderes psíquicos, virtudes, amores, felicidade aqui ou depois da morte, etc.

Muitos homens e mulheres se emocionam e se fascinam diante de pessoas do sexo oposto. Dizem que amam a beleza, mas seu próprio subconsciente os atraiçoa, a luxúria disfarça-se com o sentido estético.

Muitos invejosos invejam os santos, fazem penitências e até se açoitam porque desejam também chegar a ser santos.

Muitos invejosos invejam aqueles que se sacrificam pela humanidade. Então, querendo ser grandes também, escarnecem aqueles a quem invejam e lançam contra eles toda a sua baba difamatória.

Há aqueles que se sentem orgulhosos de sua posição, de seu dinheiro, de sua fama e prestígio, bem como há aqueles que se sentem orgulhosos de sua condição humilde.

Diógenes sentia-se orgulhoso do tonel em que dormia e quando foi à casa de Sócrates, saudou-o dizendo: Pisando teu orgulho, Sócrates, pisando teu orgulho”. “Sim, Diógenes, com teu orgulho pisas o meu orgulho”, foi a resposta de Sócrates.

As mulheres vaidosas encrespam seus cabelos, vestem-se e adornam-se com tudo o que podem para despertar a inveja nas outras mulheres, mas a vaidade também se disfarça com a túnica da humildade.

Conta a tradição que Arístipo, o filósofo grego, querendo demonstrar ao mundo sua sabedoria e humildade, vestiu-se com uma túnica muito velha e cheia de remendos, empunhou em sua mão direita o bastão da filosofia e se foi pelas ruas de Atenas. Quando Sócrates o viu chegar, exclamou: “Ó, Arístipo, vê-se a tua vaidade através dos furos de tua veste”!

Muitos são os que estão na miséria devido ao elemento preguiça, mas existe gente que trabalha demais para ganhar a vida, no entanto sentem preguiça para estudar e conhecer a si mesmos a fim de dissolver o Eu.

São muitos os que abandonaram a gula e a glotonaria, porém, infelizmente, se embriagam e saem em caçadas.

Cada defeito é multifacético, se desenvolve e se processa de forma gradativa desde o degrau mais baixo da escala psicológica até o degrau mais elevado.

Dentro da cadência deliciosa de um verso, também se esconde o delito.

O delito também se veste de santo, de mártir, de casto, de apóstolo, etc.

O bem e o mal não existem. Tais termos só servem para encobrir evasivas e fugas do profundo e detalhado estudo de nossos próprios defeitos.